

O Heimskringla

Índice

Introdução.....	3
Sobre Snorri Sturlusson.....	5
Sobre a Dinastia Yngling.....	8
Sobre Halfdan, o Negro.....	9
Sobre Haroldo Cabelo Belo.....	11
Sobre Haakon, o Bom.....	12
Sobre Harald Manto Cinzento.....	13
Sobre o Gesta Danorum.....	14
Sobre Olaf Tryggvasson.....	17
Sobre Olaf Haraldsson.....	23
Sobre Magnus Olafsson.....	27
Sobre Harald Hardrada.....	31
Sobre Olaf Kyrre.....	33
Sobre Magnus Olafsson.....	35
A genealogia dos Ynglings.....	39
Sobre Sigurd, o Cruzado.....	41
Início do período da guerra civil e as sagas de Magnus Sigurdsson e Harald Gille.....	43
Os Filhos de Harald.....	46
Sobre Haakon II, Magnus Erlingsson e início da Saga de Sverre.....	53
A Saga de Sverre (sobre Sverre e os Birkebeiners).....	57
Sverre contra Magnus V.....	59
Sverre contra Jon Kulvung e o Oyskjeggene.....	61
Sverre e a Igreja.....	64
Sverre e a Guerra dos Baglers.....	66

Introdução

Primeiramente, é importante deixar claro que esse documento é uma compilação de postagens feitas entre Outubro de 2012 e Fevereiro de 2013. Com isso, quero deixar claro que o trabalho aqui exibido não é fruto de uma pesquisa singular, e sim de análises contínuas do conteúdo durante esse período. Será notável, portanto, que da mesma forma como o texto evolui no contexto histórico, minha experiência em relatá-lo e compreendê-lo segue o mesmo ritmo.

Também seria interessante nos situarmos no contexto histórico da Noruega e da Escandinávia durante os séculos XI e XII, que é o intervalo de tempo trabalhado no Heimskringla. É possível que, ao longo dos vários textos que se dão continuidade direta, tais fatos sejam diversas vezes repetidos e fixados, para que não nos esqueçamos do importantíssimo fundo histórico que sonda a narrativa dos reis.

Assim sendo, afirmo de uma vez que todos os países localizados nessa região, considerada o berço dos Vikings, eram, no início das Sagas, territórios divididos em feudos e em diversas terras, cada qual com seu grande senhor. A Saga de Haroldo Cabelo Belo colocará fim à esses tempos, trazendo a unificação da Noruega sob um único rei e muitos países como Dinamarca e Suécia, bem como até mesmo a Escócia e a Inglaterra, que embora em sua totalidade não estejam tão relacionados com os nórdicos, em partes foram fundamentais para a consolidação da história Norueguesa.

Falaremos dos 16 reis citados no Heimskringla, e também do próprio Heimskringla, que é o manuscrito onde pela primeira vez todas as sagas da Dinastia Yngling foram compiladas por ninguém menos que Snorri Sturlusson, o mesmo que compilou grande parte da mitologia nórdica no célebre Edda em Prosa. Seu nome vem de duas palavras, Kringla Heimsins, O Ciclo do Mundo.

De início, eu me restringiria somente a esse conteúdo, mas acredito que vocês, que chegaram até aqui para conhecer a fantástica história do coração dos bárbaros, dos grandes reis e conquistadores, das batalhas marítimas e colonizações, dos pactos comerciais e das alianças de casamento, também merecem entrar nos detalhes que cercam tais façanhas. Justamente por isso, não pude excluir dessa cronologia o texto sobre os Jomsvikings, fantástica companhia mercenária que ajudou o rei Magnus Olafsson na Batalha de Svolder, nem relatar a história do próprio Snorri Sturlusson.

O último dos reis da Dinastia Yngling é Sverre Sigurdsson, que embora não esteja no Heimskringla (este seria o décimo sétimo rei), tem uma saga só para si, tamanha é sua importância para a consolidação dos primeiros partidos políticos da Noruega.

Acompanharemos nessa obra ascensão dos Vikings, bem como o fim de sua Era, registrado pela morte de Harald Hardrada.

Uma última observação é quanto à tradução do termo Jarl, que equivale para os nórdicos o título de conde difundido entre os europeus da alta idade média. Portanto, quase sempre que encontrarem a palavra conde, o termo referido originalmente seria Jarl.

Peço por fim que, não se deixem levar pela formalidade dessa introdução. O conteúdo é, embora prazeroso, de certa forma massivo, e por isso, procurei incluir algum humor nos textos a fim de descontrair a excessiva quantidade de informações e nomes, que podem acabar exigindo uma leitura atenta.

Um abraço

Gabriel Ferreira, 07/02/2014

Sobre Snorri Sturlusson

Esse cara aí escreveu a principal fonte literária da mitologia nórdica, o aclamado Edda em Prosa. Além disso, ele também é o autor do Heimskringla, o livro que contém a genealogia da dinastia Ynglinga que foram os primeiros reis históricos da Noruega unificada.

Além de historiador e escritor (e poeta do jarl, o chamado skald), era político, tendo sido eleito para altos cargos do parlamento islandês duas vezes (aliás, esse foi o primeiro parlamento nacional da humanidade).

Snorri foi tão importante que há uma saga para ele e para sua família (a dinastia Sturlung). Quando era pequeno, foi enviado à casa de um grande líder islandês, para encerrar os conflitos entre o tal líder e seu pai, Sturla, que também era um chefe poderoso. Teria sido talvez nesse ponto em que Snorri teve seu primeiro contato com o latim, além das poesias e sagas nórdicas (nas quais se baseou para escrever suas obras).

Aos dezenove anos se casou com a filha de um poderoso padre, e quando este morreu, Snorri ficou rico, mudou-se para terras maiores e ainda expandiu suas propriedades. Contudo, esse primeiro casamento parece não ter sido fonte de grande alegria, e acabou por se casar uma segunda vez, tendo um total de dois filhos e três filhas.

Snorri também teria ido à Noruega, onde fez alianças com a nobreza do país e foi recebido pelo rei Haakon VI, tendo sido nomeado escudeiro e vassalo de um jarl de Haakon, chamado Skule. Dois anos depois, retornou à Islândia e escreveu o Háttatal, em homenagem ao rei e ao jarl. O Háttatal compõe a última parte do Edda em Prosa.

Contudo, a vida de Snorri não foi só mil maravilhas. Após retornar à Islândia, Snorri precisou resistir a uma força armada liderada por seu sobrinho, e como resultado, fugiu para a Noruega. Só que quando lá chegou, o rei Haakon e o jarl Skule estavam em conflito, e nesse meio tempo, através de Skule, Snorri também se tornou jarl.

Haakon, desconfiando da amizade de Skule e Snorri, proibiu Snorri de deixar a Noruega, mas Sturluson viajou mesmo assim, retornando à Islândia sem temor, pois seu irmão e seu sobrinho haviam sido mortos numa batalha (provavelmente entre si).

O conflito entre Haakon e Skule terminou com a vitória do rei sobre o jarl, e Snorri foi declarado traidor. Emissários reais foram enviados à Islândia para por fim a vida de Snorri, que foi surpreendido em suas terras e foi assassinado no Outono de 1241, com mais de oitenta anos de vida.



Sobre a Dinastia Yngling



Saga é um gênero em prosa, de caráter épico, muito comum entre os povos nórdicos, em especial os islandeses.

A maior parte das sagas nórdicas foi reunida num livro escrito pelo historiador islandês, Snorri Sturluson no século XIII, o chamado Edda em Prosa.

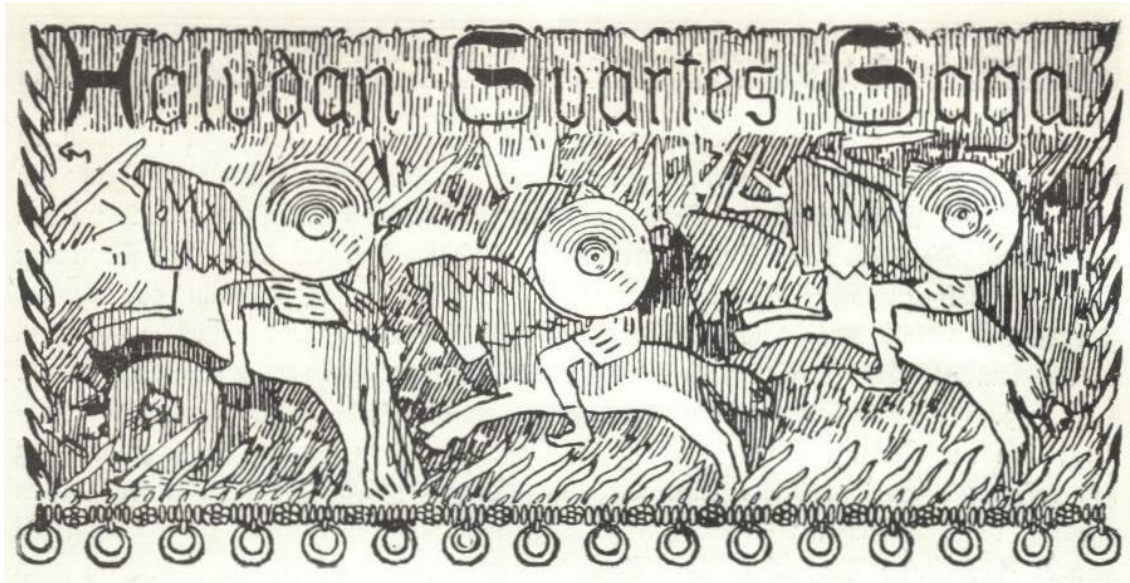
Sua primeira obra foi a Saga Ynglinga, iniciando seu estudo aprofundado acerca dos antigos reis nórdicos, cuja obra completa fora chamada de Heimskringla (uma vez que esta saga é a introdução da crônica composta).

A Saga Ynglinga narra a chegada dos deuses nórdicos à Escandinávia (comumente referente à Dinamarca, Suécia, Noruega, Finlândia e Islândia), e como Freyr, o deus da agricultura (mas relacionado também à fertilidade, alegria e paz) fundou a dinastia sueca Yngling. Após isso, a obra descreve a descendência dos reis suecos até Ingjald, que foi ancestral do primeiro rei da Noruega, Haroldo I, filho de Halfdan.

A versão de Snorri Sturluson é fortemente baseada em outra obra, a Ynglingatal (Enumeração dos Yngling), do século IX, do poeta sueco Thjodolf de Hvinir. Mas, nessa versão, o filho do deus Freyr, Fjolnir é ancestral de Ragnvald Olafsson e esse seria primo de Haroldo I.

Essa Ynglingatal (já que na mitologia nórdica nada pode ser muito simples) serviu de base para outro poema, o Háleygjatal, feito para reverenciar os ancestrais dos Jarls (vikings senhores de terras) de Lade (região da Noruega). Segundo o poema, os Jarls eram descendentes do próprio Odin.

Sobre Halfdan, o Negro



Ainda dentro das sagas contidas no Heimskringla (o livro nórdico acerca dos reis noruegueses), o primeiro relato cronologicamente situado na lista após a introdução sobre os Ynglings, narra a vida de Halfdan, um filho de reis, que herdou um reino na Noruega, e ainda conta vários confrontos com Gandalf de Vingulmark, o que rendeu grandes contos fictícios onde os dois disputavam por Alfheim.

O pai de Halfdan, rei de Vestfold foi morto esfaqueado por um de seus criados, e supõe-se que tenha sido um homicídio encomendado por sua mãe, para vingar a morte de seu avô materno, Harald Barba Ruiva (comumente confundido com Haroldo Cabelo Belo, filho de Halfdan, uma vez que no livro de Snorri Sturluson, o historiador secular focado na cultura nórdica, este é conhecido como "Harald"). Pois é, Gudrod, pai de Halfdan, em guerra, executou o irmão e o pai de Asa, sua mãe.

Talvez depois eu me aprofunde nessa confusão genealógica acerca dos reis noruegueses. Enfim, após a morte de seu pai, quando tinha apenas um ano, foi levado para o reino de Agder, onde a família de Asa reinou (até Gudrod matar todo mundo, claro) e lá tornou-se rei aos 18 anos. Aumentou seu reino (com a histórica implicância com Gandalf) e ainda o dividiu com seu meio-irmão Olav Grudrodsson.

Então Halfdan partiu para conquistar terras, como fez seu pai, e subjugou uma área conhecida como Raumarike, matando seu soberano em combate, e ainda derrotando o herdeiro dele em outras batalhas menores.

Mas após uma vida gloriosa – e curta – a morte de Halfdan foi um tanto tosca.

Afogueu-se ao cair para dentro do gelo, quando voltava pra casa de trenó, partindo de Hadeland, uma área da Noruega. Quase todos os distritos dentro de seu reino reclamaram por sua sepultura, e por isso, seu corpo acabou dividido em quatro partes. É o único rei norueguês com quatro túmulos (conhecidos como maomas, que são montículos artificiais feitos para conter uma câmara com o túmulo).



Sobre Haroldo Cabelo Belo



Não, Harald não era um metrosssexual histórico, pelo contrário, o filho de Halfdan, o Negro, acabou por se tornar o primeiro rei da Noruega, sob o título de Haroldo I (Haraldr em nórdico antigo). Acontece que na época, a Noruega era uma terra dividida em muitos pequenos reinos, e foi Harald quem as unificou, principalmente através de batalhas navais no litoral da península Escandinávia, além de alianças com outros regentes poderosos, fundando também a dinastia Yngling.

Contudo, o reino de Harald era ameaçado não somente pelos seus adversários refugiados na Islândia e em outras ilhas próximas, mas também pelos grandes líderes tribais que insistiam em permanecer nas terras que Harald reivindicava. Aliás, foi a expulsão desses chefes ricos e respeitados que levou à definitiva colonização da Islândia, afinal foi para lá onde eles correram.

A lenda acerca do nascimento da Noruega, por parte de Haroldo I, é uma história de amor. Harald queria casar com Gyda, a filha de um rei vizinho, mas ela o rejeita (e ainda tira sarro da cara dele), e diz que só casaria se ele fosse rei de toda a Noruega. Harald então faz um voto de não cortar (nem pentear) o cabelo, enquanto não fosse o governante de um reino unificado. Segundo a lenda, foi dez anos mais tarde quando Harald filho de Halfdan cortou seu cabelo, já sendo rei da Noruega, e se casou com Gyda.

Mas, pelo aspecto semelhante aos contos românticos populares nas cortes germânicas, historiadores acreditam que de fato, a unificação da Noruega por um voto de Harald é somente uma lenda. Até porque, seu casamento com Gyda não foi o primeiro, e nem o último. Harald se casou seis vezes e teve 23 filhos de oito mulheres diferentes.

Sobre Haakon, o Bom



A cronologia das sagas nórdicas salta na árvore genealógica dos Ynglings de Harald para seu filho mais jovem, Haakon, que foi o terceiro rei da Noruega. Foi protegido de um rei inglês cujo reinado não é de muita importância (como parte de um acordo de paz feito por seu pai Harald), que o converteu ao cristianismo.

Apesar da conversão, esse rei inglês era bondoso. Quando soube da morte de Harald, deu à Haakon homens e navios para combater seu irmão mais velho, que se proclamou rei, o Érico Machado Sangrento. Haakon é digno de uma saga nórdica. Dos dezoito irmãos de Érico, foi o único que o derrotou (os outros dezesseis foram decapitados, após perderem guerras e pequenas batalhas pelo poder contra Machado Sangrento).

Os filhos de Érico, no entanto, se aliaram com os dinamarqueses, mas foram todos derrotados por Haakon, que em todo o seu reinado, sua única grande falha foi tentar introduzir o cristianismo na Noruega. A forte oposição enfraqueceu seu governo, mas seu fim definitivo foi na Batalha de Fitjar, onde Haakon derrotou os filhos de Érico, mas foi mortalmente ferido e não tardou a falecer.

Sobre Harald Manto Cinzento

Essa é a sexta saga do Heimskringla, e conta a história de Haroldo II, que não é filho de Haroldo I nem de Haakon. Esse cara aí é filho de Érico Machado Sangrento, aquele malvado que matou todos os irmãos exceto Haakon, o Bom. E sua mãe era irmã do então rei dinamarquês Haroldo I (não confundir com o Haroldo I da Noruega).

Aliás, esse é o próprio que foi citado na saga de Haakon, como o sobrinho que levantou armas contra o rei. Foi assim: sabemos que Haakon sobreviveu ao fratricídio de seus irmãos porque estava como protegido de um rei inglês, mas quando voltou à Noruega, venceu e matou Érico.

Com a morte do pai, Harald se aliou ao irmão e à outro Harald (Haroldo I da Dinamarca, seu tio), o chamado Dente-Azul, que, durante dez anos, também foi rei da Noruega. Aliás, esse Haroldo dinamarquês era filho do próprio Gorm, citado no texto sobre o Gesta Danorum.

Harald e seus irmãos, todos filhos de Érico, se voltaram contra Haakon, que morreu na Batalha de Fitjar. Assim, Harald e seus irmãos receberam a coroa norueguesa, mas tinham pouca autoridade no Oeste da Noruega. Mesmo assim, sendo Harald o mais velho, é claro que seria o mais poderoso.

Foi declarado vassalo de Haroldo Dente-Azul, que a essa altura controlava grande parte da Noruega, além de toda a Dinamarca. A partir desse ponto, Harald Greyhide começou a matar líderes locais para aumentar seu poder. Depois, dominou a região costeira ao norte para controlar as rotas de comércio ao longo do litoral.

Harald também liderou uma expedição à Rússia. É claro que estava se tornando independente, pois, até então, grande parte de seu poder veio do tio Dente-Azul.

Mas vamos recapitular: Harald começou a assassinar líderes locais para aumentar seu poder. Um deles foi Sigurd Haakonsson (que era filho de outro Haakon, não pertencente à dinastia Yngling). E esse Sigurd tinha um filho da Dinamarca, que se chamava Haakon Sigurdsson (eu sei, é confuso), que se tornou Jarl com a morte do pai. Esse Haakon Sigurdsson aliou-se à Haroldo Dente-Azul.

Harald Greyhide, quando chegou à Dinamarca, foi morto pelos homens de Haakon Sigurdsson, numa armadilha, que pegou até o Dente-Azul de surpresa.

Sobre o Gesta Danorum

Como falei muito vagamente dele e de seu conteúdo, decidi decida-lo um texto. O Gesta Danorum, é o oitavo livro de um historiador chamado Saxo Gramaticus, cujo pseudônimo se traduzia literalmente como “O Gramático”. O livro é considerado o mais ambicioso empreendimento literário da Dinamarca Medieval, sendo visto como uma fonte importante para compreender o início histórico da nação.

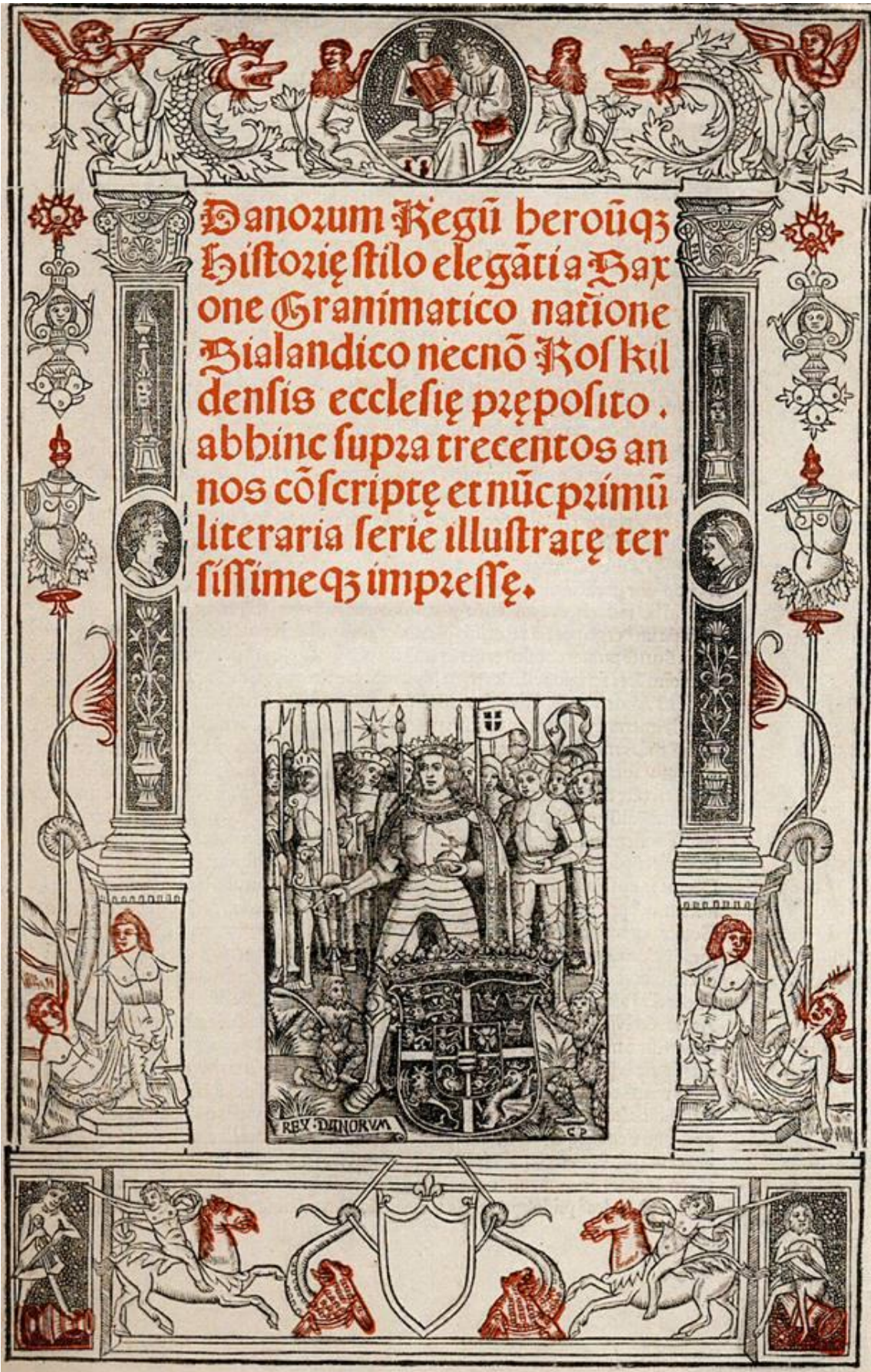
O Gesta Danorum, é também a fonte mais antiga de que se tem registro acerca da história da Letônia e da Estônia, mesmo que referencialmente. É composto por dezesseis manuscritos, escritos a convite do arcebispo Absalon, que foi um dos mais influentes políticos dinamarqueses do século XII.

De modo geral, o Gesta Danorum descreve a história da Dinamarca, e parte da história escandinava (referente a outros países além da própria Dinamarca, uma vez que este se encontraria no território abrangido pela Escandinávia) e oferece reflexões singulares sobre assuntos europeus na Alta Idade Média.

Os dezesseis livros são encontrados em prosa, com uma excursão ocasional em poesia, e podem ser separados em duas partes: os livros de 1 a 9, que são sobre mitologia nórdica e os livros de 10 a 16, que são sobre a história medieval. O livro 9 termina com Gorm, O Velho, o primeiro rei histórico da Dinamarca. Os últimos três livros (14-16) descrevem conquistas dinamarquesas na costa sul do Mar Báltico e as guerras contra os povos eslavos (as Cruzadas do Norte) e são muito valiosos para a história de tribos eslavas do Oeste e para a compreensão do paganismo eslavo.

Não se sabe ao certo quando Gesta Danorum foi escrito, mas pelo menos é certo de que não foi terminado antes de 1208. Têm-se essa noção porque o décimo sexto livro do manuscrito termina com a Dinamarca, sob o governo de Canuto VI, subjugar a Pomerânia (uma região histórica no sul do Mar Báltico), em 1186. O prefácio da obra, no entanto, menciona conquistas dinamarquesas no ano de 1208. É possível que o manuscrito tenha ganhado novos livros conforme Saxo o atualizava acerca de eventos históricos, como a nomeação de Absalon para o cargo de arcebispo da Dinamarca, se tornando mais poderoso que o rei, e acredita-se que os livros 15 e 16 foram adicionados posteriormente ao restante da obra.

Estes últimos, contam a história de Valdemar I, contemporâneo de Absalon, e de Canutos VI. Infelizmente, os manuscritos originais do trabalho estão quase todos perdidos, com exceção de quatro fragmentos, conhecidos pelos nomes das bibliotecas onde foram preservados: Angers (o único com a caligrafia comprovada de Saxo, enquanto os outros são cópias), Lassen, Kall-Rasmussen e Plesner. Contudo, os quatro hoje se encontram na Biblioteca Nacional da Dinamarca.



O texto sobreviveu ao conturbado tempo medieval dinamarquês de forma admirável. Um tradutor dinamarquês procurou por uma cópia do *Gesta Danorum* pela Dinamarca por volta do início do século XVI, mas a obra em si estava quase toda perdida. Os textos, felizmente, foram preservados fragmentados em outras obras, como um sumário do século XIV chamado *Compendium Saxonis*. Aliás, é nesse sumário onde o nome *Gesta Danorum*, para a aglutinação das obras de Saxo Grammaticus, é citado. O verdadeiro título que Saxo teria usado é desconhecido.

Esse tradutor conseguiu, milagrosamente, encontrar uma cópia do *Gesta Danorum*, nos acervos de um arcebispo sueco. Ele refinou e imprimiu o que seria a mais antiga compilação de textos de Saxo, toda em latim, em Paris, sob o título de *Danorum Regum heroumque Historiae* (história dos reis e heróis dinamarqueses).

Existem, é claro, muitas outras traduções da obra de Saxo Grammaticus a partir do trabalho de Christien Pedersen, o tradutor dinamarquês que publicou o *Danorum Regum*.

Certos aspectos do *Gesta Danorum* formaram a base da aclamada peça de Willian Shakespeare, *Hamlet*. Acredita-se que Shakespeare nunca tenha lido o livro de Saxo, mas ao invés disso teria tido acesso a uma versão resumida do conto onde está narrado a queda de um príncipe dinamarquês, cujo nome era *Amleth*.

Essa narrativa se passa nos livros 3 e 4 do manuscrito de Saxo, e é muito similar à pela *Hamlet*. Na versão do *Gesta Danorum*, Orvendil e Fengi passam a reger as terras de Jutland, dadas pelo rei dinamarquês Rorik Slyngebond. Logo depois, Orvendil se casa com a filha do rei Rorik, Geruth, e *Amleth* é o primeiro e único filho do casal.

Fengi se ressentido do casamento do irmão, e, além disso, quer reger as terras de Jutland sozinho, e por tanto, assassina Orvendil. Após um breve período de luto, Fengi se casa com Geruth, e se declara único rei de Jutland. *Amleth*, eventualmente cresce e vinga o assassinato de seu pai, matando seu tio e se tornando governante de Jutland.

Só que, enquanto o *Hamlet* de Shakespeare morre logo após matar seu tio, o *Amleth* de Grammaticus sobrevive como governante das terras por ele herdadas.

Sobre Olaf Tryggvason



O sexto livro nos trás a Saga de Olaf Tryggvason, também conhecido como Olavo I da Noruega. O reinado dele foi curto, de 995 a 1000. Ele era filho de Tryggvi Olafsson, rei de Viken, uma área histórica ao sudeste da Noruega. Quanto à sua genealogia, seria o bisneto de Haroldo Cabelo Belo.

Olaf desempenhou um papel importante na conversão (muitas vezes forçada) dos nórdicos ao cristianismo. Acredita-se que Olaf tenha construído a primeira igreja cristã da Noruega, e que fundou a cidade de Trondheim, onde ainda hoje há uma estátua dele ao centro de uma praça, mas as informações históricas sobre Olavo I são escassas. Ele teria sido mencionado em alguns documentos ingleses e pequenos poemas skaldicos. A narrativa mais antiga sobre Olaf seria *Gesta Hammaburgensis ecclesiae pontificum* (Obras dos Bispos da Igreja de Hamburgo), de um autor germânico (saxônico) chamado Adam de Bremen. O *Gesta pontificum* tem outras importâncias históricas, como por exemplo, a bem construída geografia escandinava (incluindo Islândia, Groelândia e Vinland, no Canadá – lembrem-se de Leif Eriksson) daqueles tempos.

Em 1190, bem depois da morte de Olaf, ainda foram escritas duas crônicas islandesas sobre seu reinado, uma por Oddr Snorrason e outra por Gunnlaugr Leifsson (falaremos de ambos posteriormente), mas foi Snorri Sturluson quem fez o maior e mais extenso relato sobre Olaf, utilizando a saga de Oddr como principal fonte.

Há incerteza sobre a data e o local de nascimento de Olaf. A mais antiga fonte escrita da história norueguesa (em latim) é o *Historia Norwegiae*, um trabalho de um monge anônimo. Falaremos dele também, uma vez que faz parte da literatura nórdica. Esse livro afirma que Olaf nasceu nas Ilhas Orkney, no norte da Escócia, para onde teria fugido sua mãe a fim de escapar dos assassinos de seu pai. Vale lembrar, como

vimos na saga de Harald Greyhide (Haroldo I) que este, para aumentar sua autoridade, começou a matar líderes locais, e um deles foi Tryggvi Olafsson, pai de Olaf Tryggvason. Outro manuscrito, o Ágrip af Nóregskonungasögum (os nórdicos que escreveram esse nome pela primeira vez deviam sofrer de Parkinson), afirma que a mãe de Olaf só chegou às Ilhas Orkney quando este tinha três anos.

O Heimskringla, que é o manuscrito pelo qual nos guiamos, sendo também o mais elaborado, afirma, ao contrário das fontes anteriores, que Olaf nasceu em 963. As outras fontes sugerem o nascimento entre 964 e 969, e nesse caso, o parentesco com Harald Cabelo Belo seria duvidoso, e, portanto, a legitimidade de Olaf ao trono poderia ser contestada.

A confusão é mais ou menos assim: Astrid Eiriksdottir, mãe de Olaf, fugiu para uma ilha da Escócia, escondendo-se dos assassinos de seu marido liderados por Harald Manto Cinzento, filho de Érico Machado Sangrento, que juntamente com seus irmãos, tomou o trono de Haakon, O Bom. Astrid seguiu para a casa de seu pai e depois partiu para a Suécia, onde imaginou que Olaf estaria seguro. Harald Manto Cinzento então enviou emissários ao rei da Suécia, pedindo permissão para levar o menino de volta à Noruega, onde seria reconsiderado um regente pela própria mãe de Manto Cinzento. O Rei sueco aceitou a reivindicação do garoto, mas Astrid, nesse processo, briga com Olaf e foge para Gardaríke (atual Kiev, longe pra cacete), onde seu irmão, Sigurd, estava a serviço do Rei Valdemar (sob o título de Vladimir I).



Aos três anos (segundo o Heimskringla, onde ele era um recém-nascido quando seu pai foi morto, ao contrário das outras fontes, que alegavam que Olaf já teria três anos), ele viajou pelo mar Báltico com destino à Novgorod, a mais importante cidade histórica russa. Contudo, não deu sorte. Nessa viagem, foram capturados por Vikings Estônicos, e as pessoas a bordo foram mortas ou levadas como escravas. Olaf se tornou posse de um homem chamado Klerkon, junto com seu pai adotivo Thorolf e o filho deste, Thorgils. Klerkon considerou Thorolf muito velho para ser um escravo e o matou, mas vendeu Thorgils e Olaf para um homem chamado Klerk, em troca de um carneiro. Depois, Olaf ainda é revendido para outro homem, chamado Reas, em troca de um manto fino.

Seis anos após Olaf ser vendido à Reas, Sigurd, seu tio, viajou à Estônia para coletar impostos do rei Vladimir I. Encontrou um menino que não parecia ser nativo e o perguntou sobre sua família. Como resposta, soube que estava falando com Olaf, filho de Tryggve Olafsson e Astrid Eirksdottir. Sigurd então foi ter com Reas, comprou Olaf e Thorgils, os libertou e os levou para viver em Novgorod sob a proteção de Vladimir.

Ainda sob o relato do Heimskringla, Olaf, certo dia no mercado de Novgorod, encontrou Klerkon, o homem que o escravizou e matou seu pai adotivo. Não deu outra: acertou-lhe o machado na cabeça. A multidão se enfureceu com Olaf, que correu para sua protetora, a rainha Allogia, que, para acalmar a galera, pagou o chamado “blood money”, a recompensa por trazer um meliante à justiça.

Quando Olaf cresceu, Vladimir fez dele chefe de seus homens de armas, mas depois de alguns anos, o rei se tornou cauteloso quando à Olaf e sua popularidade entre os soldados. Temendo que Olaf pudesse se tornar uma ameaça ao reinado, Vladimir passou a tratar o rapaz com certa hostilidade. Assim sendo, Olaf voltou a navegar pelo mar Báltico para tentar a sorte em outro lugar.

O Heimskringla afirma que, após deixar Novgorod, Olaf passou a invadir assentamentos e portos, até que em 982, ele foi pego por uma tempestade e aportou em Wendland, onde conheceu a rainha Geira, filha do rei Burizleif. A safadinha ofertou à Olaf que ele e seus homens ficassem durante o inverno, e, tendo o rapaz aceitado a proposta, cortejou a rainha e se casaram. Olaf começou a recuperar os baronatos que se recusavam à pagar os impostos à Geira, e após tantas campanhas bem sucedidas, iniciou invasões à outros reinos dentro da Suécia.

Eu sei, a história desse cara é grande. Bom, havia, na época de Olaf, O Sacro Império Romano, praticamente fundado por Carlos Magno, na Europa Central. Não era a mesma coisa que o Império Romano, é claro, porque o Sacro Império foi na verdade uma expansão do domínio Franco.

O Imperador Otto III teria então reunido um exército de saxões, francos e frísios

para lutar contra os nórdicos pagãos dinamarqueses. Vale lembrar, que só pelo nome, já se supõe o poder do cristianismo no Sacro Império Romano. Os Imperadores a essa altura já eram coroados pelo Papa.

Olaf fez parte do exército de Otto III enquanto seu sogro era rei de Wendland. Essa galera toda, sob o comando do imperador, chegou a encontrar os exércitos de Haroldo I da Dinamarca (da Dinamarca, não confundir com Noruega) e de Haakon (sim, o norueguês, mas enquanto este era um Jarl na Noruega, conforme dito na Saga de Haakon, o Bom) em Danevirke. Danevirke era um conjunto de fortificações, com direito a uma grande muralha, construída durante a chamada Era Viking da Dinamarca.

O exército de Otto foi incapaz de quebrar a fortificação, então deu a volta no território da muralha e aportou em Jutland, onde ganhou uma batalha contra Haakon e Haroldo, e os converteu ao cristianismo. Otto, em seguida voltou pra sua terra natal. Embora Haroldo tenha aceitado o singular deus cristão, Haakon continuou louvando seus deuses antigos.

Bom, depois de três anos em Wendland, sua esposa Geira morreu. Olaf ficou tão triste que não agüentou ficar em Wendland e partiu de lá pra sempre. Então, saqueou cidades desde Friesland na Holanda até os arquipélagos da costa oeste da Escócia. Por fim, o cara foi parar lá nas Ilhas Scilly, um arquipélago próximo à península Cornish, ao sudoeste da Grã Bretanha (é o piruzinho da atual Inglaterra). Ele ficou sabendo que lá havia um vidente, e para testar o mágico, enviou um de seus homens para se passar por ele. O vidente não se deixou enganar. Olaf, convencido de que o eremita era realmente um vidente, foi ter com ele.

O Vidente profetizou que Olaf se tornaria um grande rei e realizaria grandes feitos. Mas disse também, que quando Olaf tivesse muitos navios, seria traído por gente do próprio povo, e se sucederá uma batalha onde muitos dos homens de Olaf cairão, e o próprio seria ferido quase até a morte, mas após sete dias, estaria curado. E então, deveria ser batizado.

Logo após encontrar o vidente, Olaf foi atacado por um motim. Olaf então se deixou ser batizado, e após tal fato, parou os saques na Inglaterra.

Quatro anos após o encontro com o vidente, Olaf retornou à Inglaterra a chamado da rainha Gyda, irmã de seu xará Olaf Cuarán, rei de Dublin. A rainha estava viúva de um conde, e procurava um novo marido. É claro que havia uma boa quantidade de pretendentes cortejando a rainha, mas Olaf se destacava entre eles, mesmo com suas roupas horríveis.

Olaf foi escolhido, é claro, e quando prestes a se casar com Gyda, outro homem, chamado Alfvine, objetando a união, desafiou Olaf para um duelo, e Olaf e seus homens lutaram contra Alfvine e sua companhia, e venceram todas as batalhas, mas

não mataram ninguém. Ao invés disso, os prenderam, e depois os libertaram já derrotados para sumirem do país.

Olaf casou-se com Gyda e passou grande parte do seu tempo na Inglaterra, e depois partiu para a Irlanda. Só que com o tempo, na Noruega, começaram a correr boatos de que um rei de sangue norueguês governava a Irlanda. Isso chamou a atenção do Jarl Haakon (sim, o mesmo), que enviou um mensageiro chamado Thorer Klakka à Irlanda, onde se passaria por mercador para conferir se o tal rei da Irlanda realmente seria o filho de Tryggve Olafsson.

Haakon pretendia que Thorer trouxesse Olaf à Noruega, pois assim o teria sobre seu poder. Thorer, então em contato com Olaf, fez amizade com o rei. E então, o mensageiro conta a Olaf toda a situação da Noruega: Haakon teria se tornado impopular por muitas vezes levar as filhas da elite como concubinas, mas rapidamente se cansou delas e as mandou de volta pra casa (isso num intervalo de uma semana ou duas). O rei da Noruega também estaria fraco por consequência das suas disputas com o rei da Dinamarca, devido à sua rejeição à fé cristã.

Olaf então partiu para a Noruega, mas quando lá chegou, a revolta contra Haakon já estava armada. Haakon se escondeu num buraco cavado num chiqueiro junto com um de seus escravos. Olaf foi aceito como líder dos rebeldes e conseguiram encontrar a fazenda onde Haakon se escondera, mas o local exato do esconderijo não foi achado. Então Olaf prometeu uma recompensa para quem trouxesse a cabeça do Jarl. Ouvindo isso, um dos escravos de Haakon esperou o rei destronado dormir, e no momento certo, decapitou seu senhor. E ao chegar à Olaf com a cabeça de Haakon, Olaf decapitou o escravo.

Assim Olaf se tornou rei da Noruega. E a primeira coisa que fez foi viajar para as áreas norueguesas as quais não estavam sob o domínio de Haakon (que agora lhe pertencia) para conquistar a lealdade dos Jarls. Olaf batizou a todos os grandes líderes dessas áreas, até então, vassalos do rei Dinamarquês.

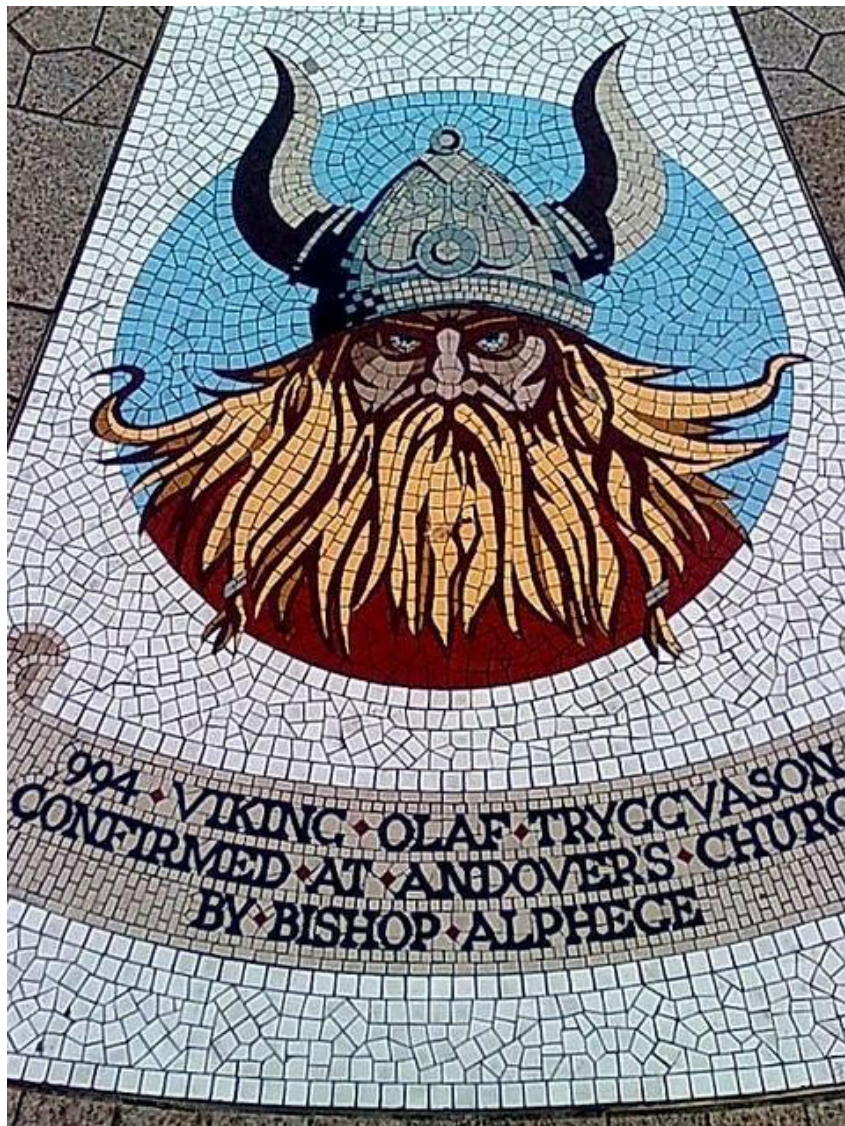
Em 997, no lugar onde Haakon teria se escondido de Olaf, este, agora rei, fundou a sede de seu reino, chamada Trondheim. Durante seu governo, Olaf continuou a propagar o cristianismo, tendo até batizado o suposto descobridor da América, Leif Eriksson (já falamos dele). Acredita-se que a grande ambição de Olaf era reger uma Escandinávia Cristã unida, e para isso tentou fazer negócios matrimoniais com a rainha da Suécia, Sigrid, mas tais negociações falharam porque ela tinha uma firme fé pagã.

Ao invés disso, Sigrid se tornou inimiga de Olaf, que se envolveu numa briga com Swen I, agora rei da Dinamarca, por ter se casado com a irmã dele, Thyre. Thyre estava fugindo de seu marido pagão, Burislav, um rei lendário de Wends, termo referente aos Eslavos do Oeste, que se assentaram em áreas germânicas.

Olaf, safadão, agora tinha uma esposa Irlandesa e outra meio-eslava, e as duas rainhas o trouxeram riqueza. Mas Thyre é considerada, no fim das contas, a ruína do rei norueguês. Pois, por causa dela, cobiçou as terras dos Wends, e partiu, no ano 1000, em uma expedição para conquistar as terras de Burislav. Mas, ao se aproximar da ilha Svolder, no mar Báltico, foi emboscado por exércitos suecos, dinamarqueses e eslavos wends, juntamente com as tropas dos filhos do falecido Haakon.

A Batalha de Svolder, como ficou conhecido esse encontro violento, terminou com a morte de Olaf. Conta-se que ele lutou ferozmente, até quase o último homem, em seu longo navio (conhecido como Longa Serpente, por ser realmente comprido), mas ao fim, pulou ao mar e não foi mais visto.

Pouco tempo depois da batalha de Svolder, surgiram boatos de que Olaf sobreviveu ao mar, e depois foi avistado em Jerusalém, Roma e por outras partes da Europa. Alguns reis e até mesmo Astrid, irmã de Olaf, afirmaram ter recebido presentes do falecido rei Norueguês, mesmo depois dele ter sido dado como morto. O último relato de seu avistamento foi em 1046.



Sobre Olaf Haraldsson

O sétimo livro do grande Heimskringla nos conta a história de Olaf II, xará do seu antecessor, Olaf Tryggvason. Esse aqui teve um reinado maior: de 1015 a 1028, e foi o único rei a receber um título póstumo, o exclusivo Rex Perpetuus Norvegiae, traduzido como Eterno Rei da Noruega. É, o cara foi importante, com direito à canonização pelo bispo inglês Grimkell, famoso em textos escandinavos. Olaf virou São Olaf um ano após sua morte, na Batalha de Stiklestad, em julho de 1030. E ainda, no local de seu enterro, fora erguida uma catedral.

Olaf é um santo universalmente conhecido na Igreja Católica, pode perguntar ao papa. Pois foi o próprio papa Alexandre III a confirmar a canonização do rei norueguês. Até hoje, no brasão de armas da Noruega, Olaf é simbolizado através de um machado, e no país, o sexto rei histórico possui um feriado (29 de julho, dia da Batalha de sua morte), numa celebração chamada Olsok. Por fim, postumamente foi ainda fundada uma ordem monástica chamada Ordem de São Olaf.

Mas afinal, o que esse cara fez de tão importante pra história da Igreja e da Noruega? Porque, no início de sua vida, Olaf era conhecido como Olaf, o Gordo, passando, lentamente, para Olaf, o Forte. Mas vamos lá. O Rex Perpetuus Norvegiae nasceu em Ringerike, e seu pai foi Harald Grenske, filho do tataraneto (Gudrod Bjornsson) de Harald Cabelo Belo, ou Haroldo I. Grenske morreu quando sua esposa Asta Gudbrandsdatter estava grávida de Olaf. Mais tarde, Asta casaria com Sigurd Syr, com quem teria outros filhos, incluindo o sucessor de Olaf II.

Existem vários manuscritos que mencionam Olaf, e quase todos estão na lista dos que pretendo abordar, como Historia Norwegiae e o Agrip af Nóregskonungasögum (vou chamá-lo de “Agrip” daqui pra frente por motivos óbvios), e grande parte deles atribuem até milagres ao nome de Olaf. Se Jesus tivesse nascido na Noruega, teria se chamado Olaf. Há também relatos mais extensos e detalhados, e até exclusivos, desse rei, como o Fagskringla, Morkinskinna e o famoso Heimskringla, de Snorri Sturlusson, com o qual estamos trabalhando. Por fim, há a Velha Saga de São Olaf, que é o mais importante para os estudiosos, pois acredita-se que grande parte dos versos escáldicos (do inglês skaldic) foram escritos por ele próprio.

Bom, é importante citar que o Heimskringla, quanto à vida de Olaf, não é visto como uma fonte segura de informação, mas vamos lá. Por volta de 1008, Olaf desembarcou numa ilha da Estônia, chamada Saaremaa, atual Osilia. Os osilianos, tomados de surpresa, a princípio concordaram em pagar as exigências de Olaf, mas durante as negociações reuniram um exército e atacaram os noruegueses, que, no entanto, ganharam a batalha.

Ainda adolescente, Olaf foi para o Mar Báltico e em seguida para a Dinamarca e mais tarde, ainda velejou para a Inglaterra. Há poesias escáldicas que sugerem um bem sucedido ataque marítimo liderado por ele, que tombou a famosa London Bridge, mas os anglo-saxões (que unificaram a Inglaterra) não confirmam tal feito. Mas de qualquer forma, o ataque é verídico, pois a partir dele, Londres foi restaurada (num evento que detalharemos depois, quando falarmos da Inglaterra) e o trono foi assumido por um rei novo. Para quem quiser saber mais, a referência parte desse trabalho acadêmico em PDF (completamente em Inglês)

<http://migre.me/gz2gV>

Olaf, por fim, decidiu parar de zoar as ilhas do norte e retornou à Noruega com o intento de unificá-la, como teria feito Haroldo I, mais de um século atrás. No caminho para casa, Olaf passou o inverno com um duque da Normandia (Richard III). Vale lembrar que a Normandia nessa época pertencia aos nórdicos, tendo por eles sido conquistada em 881. Acontece que Richard era cristão (pois os nórdicos invasores já teriam sido convertidos), e por isso, Olaf, antes de prosseguir sua viagem, foi batizado.

Quando finalmente chegou à Noruega, em 1015, Olaf declarou-se rei, com o apoio de outros cinco reis menores (afinal, um reino dividido tem vários monarcas). E já em 1016, estourou um confronto, a Batalha de Nesjar, onde Olaf derrotou Earl Swen, um dos condes de Lade, e mais poderoso nobre da Noruega, tendo até então governado-a virtualmente. Após isso, Olaf fundou a cidade de Borg, e dentro de alguns anos, ele tinha ganhado mais poder do que qualquer um de seus antepassados ao trono.

Olaf aniquilou os pequenos reis do sul, subjugou a aristocracia e reforçou a aceitação do cristianismo em todo o reino. Também afirmou soberania nas Ilhas Orkney e fez uma incursão bem sucedida à Dinamarca. Fez paz com o rei da Suécia, Olof Skötkonung e foi durante um tempo noivo de sua filha, a princesa Astrid Olofsdotter, mesmo que sem a aprovação de Olof. Mas foi com outra Astrid Olofsdotter com quem casou, e essa era filha ilegítima de Olof, sendo, portanto meia-irmã de sua ex-noiva.

A filha de Olaf com Astrid, em 1042 se casaria com o duque da Saxônia, que juntos geraram grande parte das linhagens reais e nobres dos saxões. Mas todo esse sucesso de Olaf durou pouco. Em 1026, o rei perdeu a Batalha do Helgea. Essa guerra foi uma porrada forte: A Dinamarca se aliou à Inglaterra para confrontar uma coligação entre Noruega e Suécia, e os exércitos se encontraram na foz de um rio sueco chamado Helgeá. Foi mais ou menos assim: Olaf aproveitou que Cnut da Dinamarca estava em compromisso na Inglaterra e lançou ataques à Dinamarca no mar Báltico. Inteligentemente, Olaf esperou a marinha de Cnut partir, e assim fizeram uma barragem na foz de um rio dinamarquês. Quando Cnut voltou com sua armada e mais alguns navios ingleses, a barragem de Olaf foi destruída e grande parte dos navios dinamarqueses foi naufragada pela enchente. No entanto, Cnut ainda provou-se apto a lutar. E venceu Olaf. Esse relato está nas Crônicas Anglo-Saxãs - não a do Bernard

Cornwell, mas o verdadeiro documento histórico dos antigos ingleses.

Os noruegueses ficaram simplesmente putos com essa derrota de Olaf, e apoiaram a invasão de um rei dinamarquês (lembramos que a Dinamarca também já não mais estava unificada, e tinha portanto, vários reis) Canuto, o Grande. Olaf acabou por ser exilado em uma terra da Rússia. Mas acredita-se que antes do exílio, Olaf permaneceu algum tempo na Suécia, batizando moradores. Mas as coisas mudaram quando, em 1030, o regente da então Noruega de Canuto, Jarl Haakon Eiriksson, se perdeu no mar, dando à Olaf a oportunidade para reconquistar o reino. Contudo, Olaf perdeu mais uma batalha, que teria sido a sua última: a já citada Batalha de Stiklestad, onde alguns de seus ex-aliados uniram-se contra ele.

Canuto, que também governava a Inglaterra e por isso dava menos atenção à Noruega, conseguiu governar os dois países durante cinco anos, tendo seu filho e sua esposa como regentes. No entanto, a regência dessa família era impopular, e quando Magnus, filho ilegítimo de Olaf, reivindicou o trono da Noruega, a família regente de Canuto foi forçada a fugir.

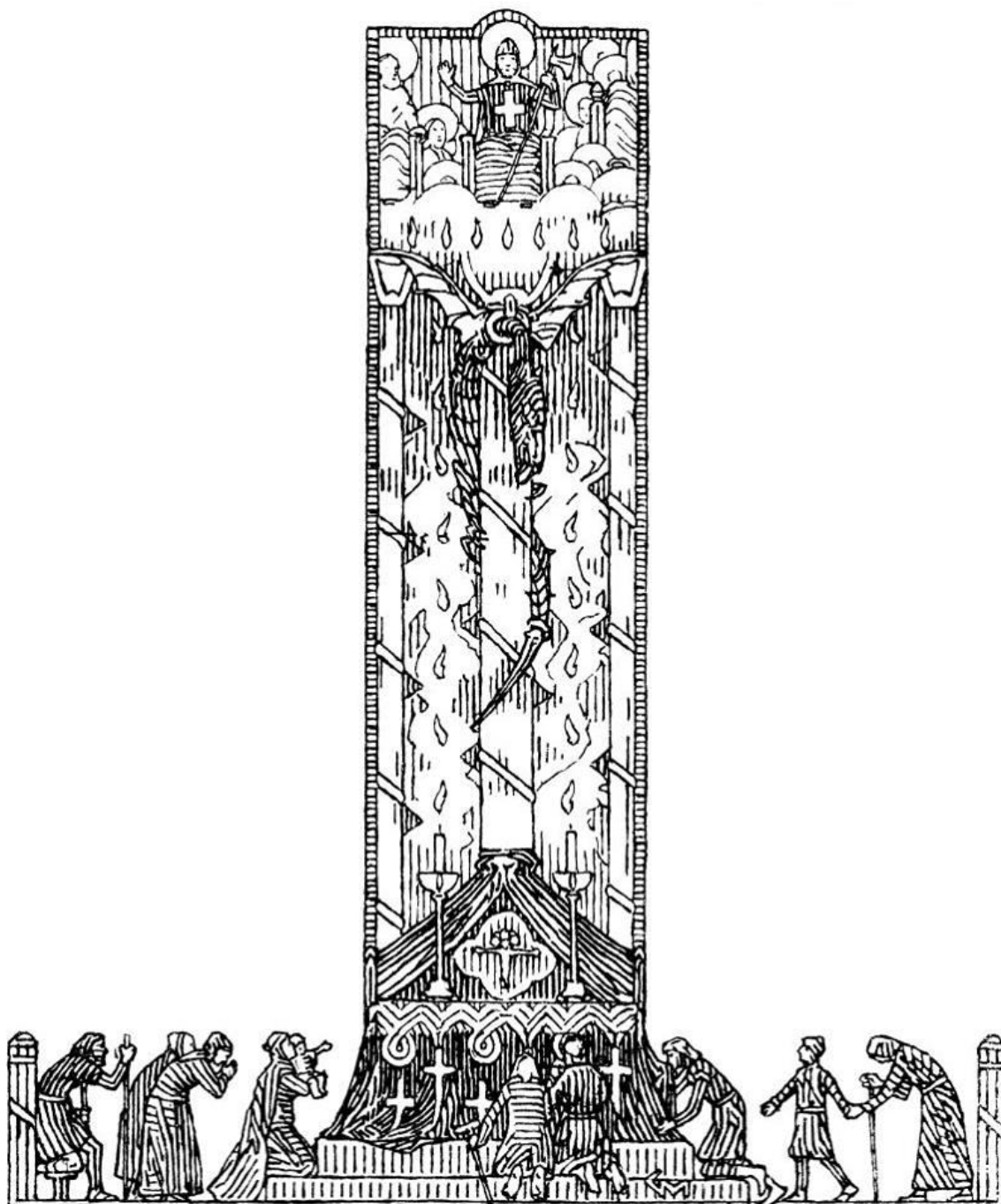
Pois é, o reinado de Olaf foi curto e desastroso, mas mesmo assim, o grande rei teve um papel importante na cristianização da Noruega. Ao menos era o que se acreditava devido aos manuscritos que narram sua história. Acontece que atualmente, os historiadores acreditam que nos bastidores da popularidade cristã de Olaf estava o bispo Grimkell. Acredita-se que a conversão ao cristianismo foi uma manobra de Olaf de ganhar mais poder monárquico e unificar a Noruega.

Olaf é ironicamente o padroeiro da Noruega. Ironicamente porque ele foi considerado um rei rude, que tratava com dureza seus inimigos, mas não se pode esquecer que, tendo abusado do cristianismo ou não, Olaf unificou o país. E mesmo que tivesse causado algumas poucas divisões em vida, após sua morte, Olaf deixou em legado um poder unificador que nenhuma monarquia estrangeira conseguiria desfazer.

Por fim, juntos, Olaf Trygvasson e Olaf Haraldsson são considerados as forças motrizes por trás da conversão final da Noruega ao cristianismo. De qualquer forma, vários artefatos arqueológicos sugerem que as áreas costeiras da Península Escandinava já teriam se convertido ao cristianismo antes da época de Olaf Haraldsson. Com poucas exceções, quase todos os nórdicos poderosos da Noruega até a época de Haakon foram cristãos.

O mais importante com o reinado de Olaf foi que o rei santo modificou o direito de sucessão ao trono: até então, os nórdicos noruegueses reivindicavam o trono a chamado do deus Odin (no caso dos suecos era Freyr), mas, depois da morte de Olaf II, a conseqüente ascensão de Magnus (filho ilegítimo dele com uma concubina) mudou um pouco a tradição, porque Magnus praticamente iniciou um culto ao seu pai, que não tardou a ser canonizado.

Assim sendo, se antes os nórdicos clamavam direito ao trono com base nos deuses, agora em tempos cristãos, a sucessão real seria baseada numa linhagem que remetesse aos reis santos. E Olaf II foi o primeiro rei santo da Noruega.



Sobre Magnus Olafsson



Magnus, como já vimos, foi filho ilegítimo de Olaf, o Santo Rei. Também conhecido pela alcunha de “O Bom”, tornou-se rei da Noruega em 1035 e da Dinamarca em 1042, e governou ambos os países até 1047.

Magnus fugiu com sua mãe, a concubina inglesa Alfhid (que era originalmente uma escrava da rainha Astrid Olofsdotter) quando Olaf foi destronado em 1028, retornou à Noruega em 35 e foi coroado com 11 anos de idade. Magnus nasceu prematuramente, fraco e incapaz de respirar nos primeiros minutos de sua vida e não se esperava que fosse sobreviver.

Olaf não estava na Noruega na ocasião do nascimento, mas um skald (poeta/músico/artista da corte) seu tornou-se padrinho de Magnus e o nomeou logo após ter nomeado um certo Carlos Magno.

Contra todas as possibilidades, Magnus cresceu forte e demonstrou sua importância para Olaf como sendo seu único filho homem (mesmo que ilegítimo). Bom, sabemos que Olaf foi destronado pelo rei dinamarquês Cnut, O Grande, e foi para o exílio com sua família e a corte. Eles viajaram para as montanhas e passaram o inverno num lugar chamado Eidskog e de lá, cruzaram a fronteira com Varmland, na Suécia, chegando, por fim, à Narkë, onde foram abrigados por um líder tribal chamado Sigtrygg.

Depois de uns poucos meses em Narkë, a comitiva de Olaf seguiu caminho para uma cidade portuária chamada Sigtuna, onde o rei sueco Anund Jacob havia deixado um navio à espera deles. Assim, a turma navegou pelo mar Báltico e pelo Golfo da Finlândia e acabaram chegando à Rússia, mais precisamente, Gardaríke. Sim, eles viajaram em poucos invernos o que eu não viajaria a vida toda, mas tem mais: fizeram

uma parada no passeio pela Rússia num lugar chamado Aldeigjuborg, para organizar ainda mais essa peregrinação. A partir daí, rumaram para Novgorod, ainda na Rússia, onde Olaf pediu ajuda ao rei, então com o título de Grande Príncipe, Yaroslav, o Sábio.

Yaroslav, no entanto, não quis se envolver na porradaria brutal dos nórdicos escandinavos. Depois de algum tempo, no início de 1030, Olaf soube do desaparecimento do Conde de Lade (Jarl) Hakon Eiriksson, regente de Cnut na Noruega, e como vimos, Olaf retornou com seus homens para tentar usurpar o trono, e deixou Magnus com Yaroslav e a esposa deste, Ingegerg.

Bom, Olaf fatalmente perdeu a luta, e a informação chegou à Magnus no início de 1031, através de outra comitiva vinda da Noruega em direção à Gardaríke. O tio de Magnus, Harald Sigurdsson (que mais tarde seria conhecido como Harald Hardrada, quando se tornasse rei) trouxe as notícias da batalha de Stiklestad (para quem não sabia nada disso, está na Saga de Olaf Haraldsson).

Magnus, agora completamente órfão, foi criado e educado, aprendeu a linguagem e a literatura do Antigo Russo e um pouco de grego, e foi ainda treinado como um guerreiro, tudo isso entre a nobreza russa de Gardaríke.

Após a morte de Cnut em 1035, os nobres noruegueses não queriam estar sobre a regência opressora de seu filho e de sua esposa, respectivamente Svein e Álfifa (sabemos que Cnut deixou a família governando a Noruega porque também precisava dar atenção à sua terra na Inglaterra). Nessas condições, até os caras interessados no poder logo após a morte de Santo Olaf, foram atrás de Magnus na Rússia para trazer a dinastia Yngling de volta ao trono.

Ingegerd, que foi como uma mãe para Magnus, acabou consentindo com o retorno dele à Noruega, e no caminho, a comitiva de Magnus passou por Sigtuna, onde receberam apoio de um rei sueco que era irmão da madrasta de Magnus, Astrid Olofsdotter. Com esse apoio importante, um exército foi montado na Suécia, liderados por Einar Thambarskelfir e Kárlf Árnason (os caras que foram com um pequeno grupo até Gardaríke para trazer Magnus de volta).

Bom, então Magnus foi proclamado rei da Noruega em 1035, enquanto Svein e Álfifa fugiram. Svein morreu pouco depois, uma vez que de início, o objetivo de Magnus era puramente vingar-se dos inimigos de seu pai, mas foi aconselhado parar de fazê-lo, e tendo respeitado tal conselho, acabou por ser conhecido como “o Bom”.

Acontece que Cnut tinha outro filho, e este estava governando a Dinamarca. Era ele Harthacnut, que tinha intenções de restaurar a Noruega como parte do pequeno império montado por Cnut, o Grande. Por isso, Magnus iniciou uma campanha contra a Dinamarca também, em torno de 1040.

Os dois reis, Harthacnut e Magnus, foram levados por suas respectivas cortes

ao rio Göta älv, que é a fronteira entre os dois reinos. Surpreendentemente, eles fizeram as pazes e concordaram que o primeiro a morrer seria sucedido pelo outro.

Em 1042, Harthacnut morreu enquanto estava na Inglaterra, e Magnus tornou-se rei da Dinamarca também, apesar de outro pé no saco estar reivindicando o trono: Sweyn Estridsen, neto de Cnut, teria ficado na regência da Dinamarca em pedido de Harthacnut, quanto este havia partido para a Inglaterra.

Para consolidar seu poder, Magnus destruiu o forte Jomsborg, na costa sudeste do Mar Báltico, em Wendland, onde Sweyn estaria se escondendo. Essa parte da história me chamou tanto interesse que depois farei um post só pra ela: Jomsborg era a sede dos Jomsvikings, uma lendária companhia de mercenários à “serviço” de Odin e Thor.

Sweyn foi derrotado por Magnus, fugiu para o leste e logo retornou com um exército. Então se sucedeu a Batalha de Lyrskov Heath, perto de Hebedy (uma área comercial na fronteira da Dinamarca com os reinos germânicos). Na batalha, conta-se que Magnus usou o machado de São Olaf, com o nome de Hel, a deusa da morte, grafado no metal. Magnus teria sonhado com seu pai na noite anterior à batalha, e os noruegueses juraram que antes do confronto puderam ouvir o sino da Igreja de São Clemente (uma doação de Olaf Haraldsson) tocar pelos campos.

O resultado da batalha? A maior vitória de todos os tempos sobre os Vênedos (wends, povos de wendland, atual Pomerânia, de onde Sweyn reuniu seu exército), com até 15 mil mortos, e Sweyn, que sobreviveu, retornou à Suécia.

Sweyn continuou a se opor à Magnus, mas é dito pelo Heimskringla que Magnus, buscando a paz, deu à Sweyn o título de conde (Jarl) da Dinamarca.

Agora, com a Dinamarca e a Noruega ao seus pés, Magnus, cobiçando o império Báltico de Cnut, o Grande, investiu também contra a Inglaterra. Agora vamos lembrar um episódio que não ficou muito esclarecido ainda: quando Harthacnut morreu, governando a Inglaterra (após a queda de Cnut), os nobres ingleses escolheram Edward, filho de Aethelred, o Despreparado.

Magnus, ousadamente, enviou uma carta à Edward, dizendo que, com as tropas dinamarquesas e norueguesas combinadas, iria atacar a Inglaterra, iria vencer, e iria governá-la como rei. Ao passo em que, obviamente, os ingleses tornaram-se hostis à Magnus, Sweyn, era bem vindo lá, embora Emma, a mãe de Edward, curiosamente preferisse os Noruegueses (e por isso teve seus bens confiscados por seu filho, uma vez que em uma carta sua fora flagrada oferecendo ajuda ao norueguês).

Enquanto isso, Harald Hardrada, tio de Magnus, voltou para a Noruega e contestou seu governo lá enquanto Sweyn ainda era uma ameaça a Dinamarca. O

resultado disso é que os dois se aliaram. Magnus, que escolheu apaziguar seu tio, proclamou-o “co-rei” da Noruega.

Sweyn não parou de pressionar Magnus a partir de sua sede, Scania, na Suécia. E por isso, Magnus removeu seu título de Jarl da Dinamarca.

Magnus morreu de circunstâncias pouco esclarecidas. Acredita-se que ele morreu de repente, provavelmente devido à alguma doença, mas não sabe-se se sua morte teria sido na Dinamarca, Zelândia ou Jutland. Os historiadores cogitam até algum acidente, como cair ao mar de algum navio que ele estava preparando pra invadir a Inglaterra e se afogando, ou cair de um cavalo.

Confusamente, ou talvez sob pressão, Magnus teria feito Sweyn seu herdeiro na Dinamarca e Harald na Noruega, numa forma de testamento.

Magnus foi enterrado com seu pai na catedral de Trondheim.



Sobre Harald Hardrada

Esse cara era o tio de Magnus Olafsson, que originalmente se chamava Harald Sigurdson, mudando seu nome para Hardrada somente após assumir como rei. Hardrada pode ser traduzido como Governante Severo.

Bom, Harald III, que se tornou rei da Noruega em 1046 e governou até 1066, reivindicou também o trono da Dinamarca (sem sucesso) em 1064 e o trono da Inglaterra, em 1066.

Antes de sua ascensão, Harald passou 15 anos em exílio, como mercenário e comandante militar em Kiev e no Império Bizantino. Aos 15 anos de idade, precisamente em 1030, lutou na Batalha de Stiklestad, ao lado de seu meio-irmão, Olaf Haraldsson, o São Olaf da Noruega. Para quem leu a saga do pai de Magnus Olafsson, sabe-se que São Olaf tentou recuperar o trono norueguês, que ele mesmo perdeu para o conquistador dinamarquês Cnut, o Grande, dois anos antes.

Na batalha, Olaf e Harald foram derrotados, no que resultou no exílio de Harald Sigurdson. Devem se lembrar também que Harald passou um tempo no exército do grande príncipe Yaroslav, o Sábio, até que ele mudou-se para Constantinopla, em torno de 1034. Lá ele logo se tornou comandante da Guarda de Elite do Império Bizantino, a famosa Guarda Varangiana.

Trabalhando para os Varangianos, Harald lutou no Mar Mediterrâneo, na Ásia Menor, Sicília, possivelmente na Terra Santa (Jerusalém), na Bulgária e na própria Constantinopla, onde se envolveu nas disputas dinásticas do império. Essa fase de sua vida, teria sido, talvez, quando mais acumulou riquezas, que ele enviou para Yaroslav como uma forma de guardar sua fortuna.

Em 1042 Harald finalmente deixou os bizantinos, voltou para Kiev e iniciou os preparos para a campanha onde reconquistaria o trono da Noruega, que possivelmente já sabia sobre Magnus Olafsson, o filho ilegítimo de seu irmão, estar no trono na sua ausência.

Em 1046 Harald juntou suas forças com o rival de Magnus na Dinamarca. Vale lembrar que Magnus Olafsson também tinha se apoderado do trono dinamarquês, desfazendo o império de Cnut, ou, melhor ainda, tomando-o para si. Para quem lembra, esse rival era o pé no saco do Sweyn Estridsson.

Unidos, Sweyn e Harald invadiram a costa dinamarquesa, e Magnus, sem vontade de lutar contra seu tio, concordou em dividir o reino, e Harald, em troca,

compartilharia sua riqueza também.

Essa “co-regência” terminou abruptamente no ano seguinte, quando misteriosamente Magnus morreu e Harald tornou-se o único governante da Noruega. Internamente, Harald esmagou toda a oposição (local e regional) e esboçou a unificação territorial da Noruega (lembramos que cada rei teve um pedaço de terra diferente, a Noruega nunca era a mesma de reinado para reinado. Algumas vezes um pedaço de terra se tornava independente, e posteriormente tornava a ser reconquistado. Isso era frequente antes da consolidação dos estados nacionais).

Sim, com a regência de Harald, a Noruega quase se tornou um Estado Nacional, e seu reinado foi de relativa paz e estabilidade. Harald instituiu uma confiável economia com uma moeda mais viável e um sólido comércio externo.

Seguindo os passos de Magnus, Harald também cobiçou o Império do Mar do Norte, como ficou chamada a conquista de Cnut, o Grande (Inglaterra, Dinamarca, Noruega e partes da Suécia, com áreas tributárias na atual Polônia, na Normandia e em reinos Irlandeses).

Assim, Harald também reivindicou o trono dinamarquês, e passou quase todos os anos até 1064 invadindo a costa dinamarquesa e lutando contra seu então ex-aliado Sweyn. Mas embora suas campanhas tenham sido bem sucedidas, ele nunca foi capaz de conquistar a Dinamarca. Acabou por renunciar à sua reivindicação.

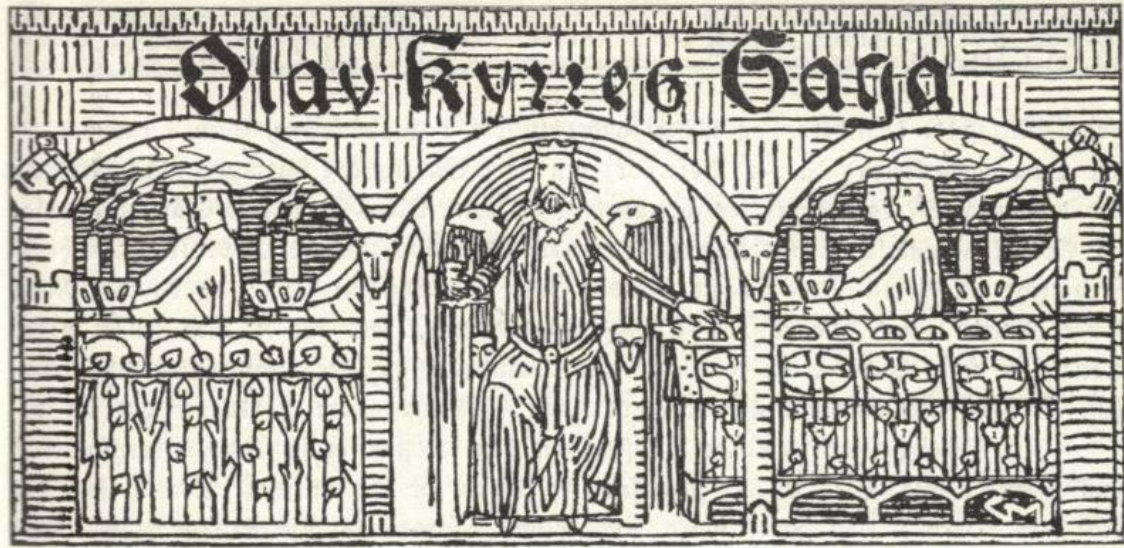
Não muito depois o ex-conde da Northumbria (norte da Inglaterra) Tostig Godwinson, irmão do recém escolhido rei inglês Harold Godwinson, prometeu sua lealdade à Harald e o convidou à reivindicar o trono inglês. Harald não perdeu tempo e invadiu o norte da Inglaterra, em setembro de 1066, derrotando o exército defensor na Batalha de Fulford, perto de York, que sempre foi a mesma até hoje.

Embora tivesse sido inicialmente bem sucedido, Harald foi derrotado e morto na batalha que se seguiu em 25 de setembro, duas semanas depois de Fulford, quando as tropas de Harold Godwinson fizeram seu contra-ataque, na Batalha de Stamford Bridge.

Os historiadores comumente colocam a morte de Harald, em Stamford (o que pôs fim à sua invasão) como o fim da chamada Era Viking. Harald é considerado o último grande rei viking e até mesmo o último viking.

Vou deixar claro que a vida de Harald, tendo grande reconhecimento histórico, daria no mínimo umas 10 partes aqui na página. Portanto, o que vocês leram foi um resumo sumário de quem foi esse viking.

Sobre Olaf Kyrre



Olaf Haraldsson, conhecido como Kyrre, do nórdico antigo, “o Pacífico”, foi o décimo rei da Noruega no título de Olaf III entre 1067 e sua morte em 1093. Esteve presente na Batalha de Stamford Brigde, na Inglaterra, em 1066, onde seu pai, Harald Hardrada, como vimos, foi derrotado e morto em ação.

Durante seu governo, diz-se que Olaf fez as pazes em relação à conflitos reais envolvendo a Igreja, fortaleceu o poder da monarquia e acredita-se que fundou a cidade de Bergen, na costa oeste da Noruega, em 1070.

Olaf era filho de Harald Sigurdson (Hardrada) com Tora Torbergsdatter. Embora estivesse presente na batalha de Stamford, Olaf não participou da ação, pois com 16 anos só teria permanecido no navio. Após a derrota da Noruega, partiu com os restos da força de ataque de volta à Orkney, no norte da Escócia, onde passaram o inverno. Só de fato chegaram à Noruega no verão de 1067.

Após a derrota de seu pai, Olaf dividiu o reino com seu irmão, Magnus II (Magnus Haraldsson) que se tornou rei no ano anterior, mas morreu em 1069, deixando somente Olaf como governante.

Durante o reinado de Olaf, a Noruega conheceu um tempo de paz raramente visto em outras ocasiões. Isso porque, Olaf renunciou qualquer ofensiva na política externa e protegeu a Noruega através de acordos de paz fortalecidos por casamentos entre nobres.

No que se diz à sua política interna, Olaf se empenhou em construir a organização da Igreja e modernizar o reino, resultando, entre outras coisas, na reorganização da guarda das principais cidades, que poderiam servir como residência

real, como Bergen.

A grave derrota dos Noruegueses na Inglaterra tentou o rei Dinamarquês, Svend Estridsen, a atacar a Noruega, pois este, já não mais se sentia vinculado ao acordo de paz firmado com Harald Hardrada em 1064, uma vez que tal acordo só seria válido durante a vida dos dois reis.

Mas Olaf fez as pazes com Svend casando com sua filha, Ingerind, e mais tarde, a meia irmã de Olaf casaria com o futuro rei da Dinamarca. E embora os Dinamarqueses insistissem em atacar a Inglaterra, havia paz entre Dinamarca e Inglaterra para com a Noruega. Olaf teria também feitos as pazes com William, o Conquistador, então rei da Inglaterra.

Em relação à Igreja, Olaf preocupava-se tanto com a organização monástica que os bispos estavam sempre em sua companhia como membros da corte e conselheiros em excursões. O rei também construiu igrejas, mosteiros, e residências fixas para os bispos em cidades importantes como Trondheim.

O poder do rei foi reforçado, e na Noruega foi instituído o sistema de Alianças (entre artesãos, formando corporações, ou entre mercenários, soldados e etc). Foi Olaf quem começou a escrever leis provinciais.

Olaf morreu, provavelmente de alguma doença, em setembro de 1093, em Ranrike, que era parte da Noruega mas hoje pertence à Suécia. Foi enterrado na Catedral de Nidaros, em Trondheim, construída sob seu financiamento. Seu casamento com Ingerid não concebeu nenhuma criança, e por isso, seu sucessor, Magnus III, era um filho ilegítimo.

Sobre Magnus Olafsson



Décimo primeiro rei da Noruega, de acordo com o Heimskringla, Magnus III, ou Magnus, o Alto, reinou entre 1093 e 1103, ano de sua morte. Seu reino foi marcado por agressivas campanhas militares e conquistas, em particular nas regiões dominadas pelos nórdicos das Ilhas Britânicas, o que o permitiu estender seu reino até Dublin.

Como sendo o único filho de Olaf Kyrre, Magnus foi proclamado rei por legitimidade, no sudeste da Noruega, logo após a morte de seu pai. Acho que é a primeira coroação sem enfrentar problemas de usurpadores. Mas calma: No norte, a afirmação de Magnus como rei foi contestada por seu primo, Haakon Magnusson (filho de Magnus Haraldsson), e acabou que os dois governaram juntos de forma turbulenta, até a morte de Haakon em 1095.

Depois da morte de Haakon, membros descontentados da nobreza recusaram-se a reconhecer Magnus como rei, mas a insurreição foi de curta duração. Magnus afirmou seu poder no território interno, e logo começou uma campanha ao redor do mar da Irlanda. Ele invadiu as ilhas através de Orkney, no norte da Inglaterra, e assegurou o controle dos noruegueses através de um tratado com o rei escocês.

Estabelecido na ilha de Mann durante seu tempo no oeste (ilha ao sul da Grã-Bretanha), Magnus ergueu um bom número de casas e fortalezas, e assim conseguiu a vassalagem dos grandes senhores locais.

Navegou ao País de Gales logo ao fim de sua campanha, tomou controle da capital do reino e de quebra ainda expulsou invasores normandos que também cobiçavam aquelas terras.

Mas Magnus não sossegou: Logo após retornar vitorioso à Noruega, organizou

outra incursão à Suécia, para tomar controle de Dasland e Västergötland, para expandir as fronteiras do território. Mas, após duas invasões mal sucedidas e uma série de escaramuças, o rei dinamarquês Eric Evergood iniciou negociações de paz entre os três monarcas escandinavos, temendo que o conflito fosse sair de controle.

Magnus de fato realizou a paz com os suecos, casando-se com Margaret, filha do rei sueco Inge Stenkilsson, ganhando em troca, como parte do dote, a desejada terra de Dasland. Após isso, acredita-se que ele tenha partido numa suposta conquista da Irlanda, o que resultou numa aliança com o rei irlandês Muirchetach Ua Briain de Munster (na Danorum, quando falamos do Ciclo Mitológico Irlandês, contamos a história das cinco províncias da ilha, vale uma conferida).

Muirchetarch reconheceu o domínio de Magnus sobre Dublin. Em circunstâncias pouco esclarecidas, enquanto Magnus obtinha novos recursos para voltar à Noruega, o rei norueguês foi morto em uma emboscada em Ulaid (Ulster) no ano seguinte. Seu reinado é caracterizado por avanços territoriais.

Bom, agora falando dos detalhes, sabe-se que grande parte da informação acerca de Magnus parte de sacas e crônicas (Heimskringla, por exemplo), quase todas escritas no século XII, e quase todas Islandesas (Snorri Sturlusson era islandês).

Outras informações, como acerca das invasões de Magnus às Ilhas Britânicas, podem ser encontradas em relatos contemporâneos das próprias ilhas.

Magnus cresceu entre o hird (corte) de seu pai em Trondheim (na época conhecida como Nidaros), que era a capital da Noruega. O primo de Olaf Kyrre, um chefe tribal chamado Tore Ingeridsson, foi pai adotivo de Magnus. Dizem que na juventude de Magnus, ele lembrava mais o lendário Harald Hardrada (seu avô guerreiro) do que seu pai, que sustentava a alcunha de “Kyrre”, o Pacífico.

De acordo com Snorri Sturlusson, Magnus era considerado bonito e talentoso na aprendizagem, e embora ele fosse mais baixo que seu avô, já foi conhecido como Magnus, o Alto, ou Magnus Pernas Longas (nada a ver com o coelho, tal apelido estava relacionado à adoção da túnica curta gaélica dos escoceses e dos irlandeses, que deixavam as pernas nuas).



Outra versão, sustentada pelo historiador dinamarquês Saxo Grammaticus (autor do Gesta Danorum, que emprestou nome à minha página) narra que o apelido “Barefoot” (traduzido para “Alto” em alguns contextos), na verdade tenha sido propositalmente significado “descalço”, porque supostamente, Magnus teria fugido descalço de um ataque sueco. Já os Irlandeses afirmavam que Magnus naturalmente andava descalço. Mas, devido ao seu gênio agressivo, Magnus também já foi chamado de Magnus, o Guerreiro.

Durante o reinado de Olaf Kyrre, o Pacífico, a Noruega tinha experimentado um singular período de paz. Acredita-se que Magnus esteve presente quando Olaf morreu, em Ranrike, e que foi proclamado rei numa Borgating, a maior assembléia real da Noruega, que ocorria na lendária região de Viken.

Quando Magnus tornou-se rei, ele já contava com o apoio da aristocracia norueguesa. Embora as fontes não sejam precisas em relação ao primeiro ano de seu reinado, é evidente que ele já estava de olho no oeste, lá para as Ilhas Britânicas.

O fato de que as condições de governo das Ilhas estavam caóticas desde a morte de um poderoso Jarl chamado Thorfinn Sigurdsson (cuja história é narrada no Orkneyinga, a Saga dos Jarls de Orkney, que pretendo abordar futuramente), contribuiu para Magnus, com sucesso, tomar o controle daquelas terras. Isso porque, no caos administrativo, Magnus interveio em lutas pelo poder entre chefes locais.

De acordo com os relatos, a primeira excursão de Magnus ao oeste, em 1093, ajudou o rei escocês Donald Bane a tomar Edimburgo, o que lhe rendeu as ilhas do sul em troca do favor.

Magnus foi contestado por seu primo Haakon Magnusson, filho do irmão de Olaf (que também foi “co-regente” de curta duração enquanto vivo) Magnus Haraldsson. Haakon acabou por ser proclamado rei das terras altas (norte da Noruega) e da assembléia de Trondelag, no centro do país. Mas Haakon acabou por tomar todo o reino, com a ajuda de seu pai. Espertamente, Haakon conseguiu apoio popular aliviando agricultores de impostos e taxas, ao passo em que Magnus abusou de políticas caras e determinou longo período de serviço militar.

Depois de Magnus se estabelecer numa propriedade real em Nidaros, para passar o inverno de 1094-1095, Haakon também viajou para a cidade e passou a residir na antiga propriedade real. A relação tornou-se cada vez mais tensa, culminando quando Haakon viu navios de guerra de Magnus aportados sobre as encostas de Trondheim, o que fez com que Haakon convocasse a assembléia da capital, a temida Oyrating.

A convocação da Oyrating fez Magnus viajar para o sul. Haakon tentou

interceptar Magnus viajando para o sul por terra, na tentativa de alcançar a região de Viken, mas ele morreu inesperadamente enquanto caçava em fevereiro de 1095.

O homem forte por trás da monarquia de Magnus teria sido seu pai adotivo, Tore Tordsson, que também se recusou a reconhecer Magnus como rei após a morte de Haakon. Como dá pra perceber, o descontentamento com o governo de Magnus era muito grande.

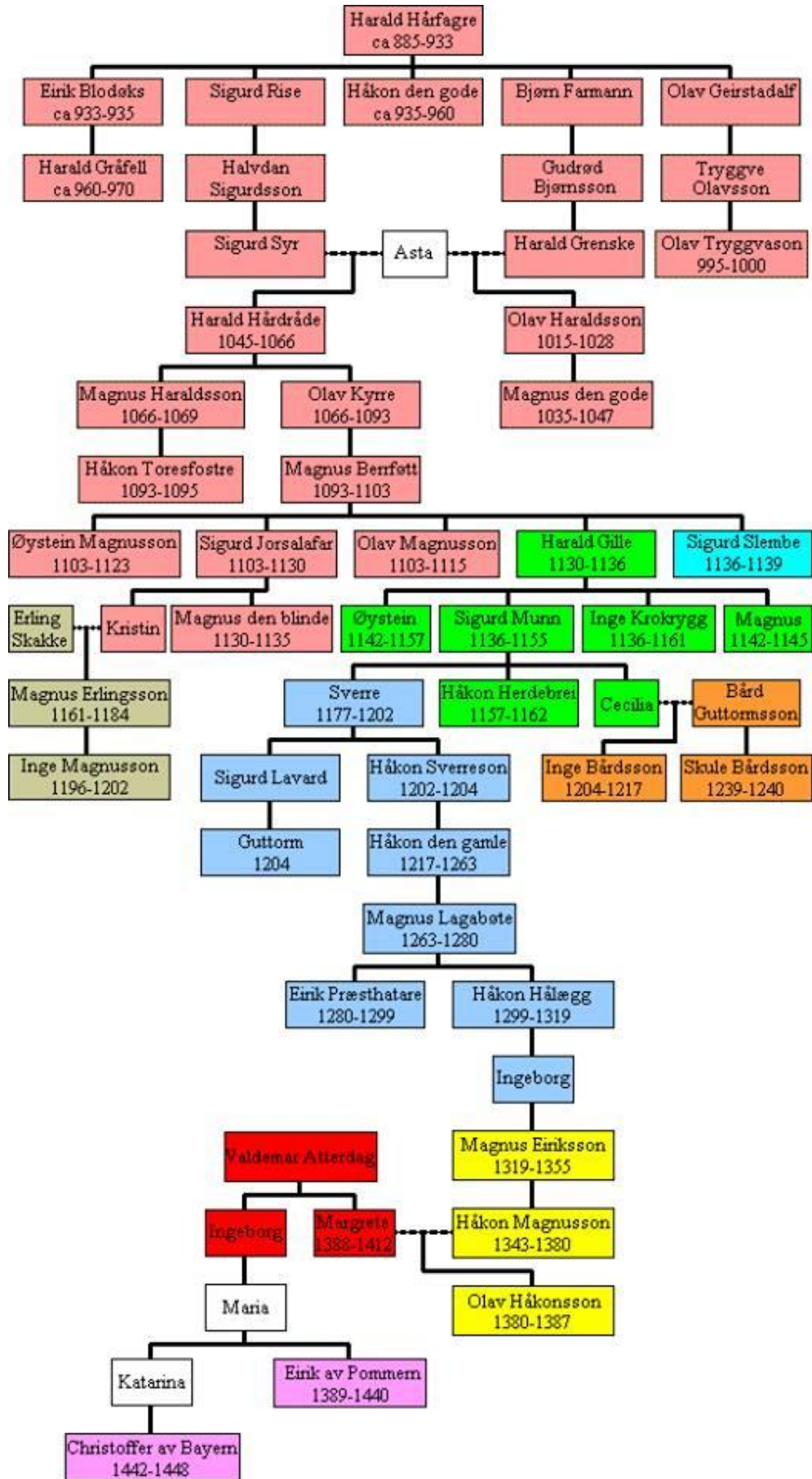
Houve até uma revolta (na qual Tore participou), onde os homens das terras altas tentaram por um pretendente supostamente dinamarquês ao trono (mas historiadores modernos alegam que este, na verdade, seria um dos filhos de Harald Hardrada, Sweyn Haraldsson). A revolta, embora tenha sido nas terras altas do norte, ganhou força também em outros locais do país.

Após várias semanas de conflitos e batalhas, Magnus capturou Tore e seus apoiadores e os enforcou numa ilha ao norte da Noruega. A partir daí, Magnus é visto como um rei furioso e carente de perdão, por ter enforcado até mesmo um amigo que era um nobre poderoso, influente e cheio de recursos. Mas no fundo, Magnus somente seguiu o código de honra dos reis Noruegueses: Egil, o nobre em questão, teria sido perdoado se outros nobres implorassem pela sua vida, o que não aconteceu.

A disputa interna final para a afirmação do poder de Magnus na Noruega foi contra o nobre Sveinke Steinarsson, que se recusava a reconhecer Magnus como rei. Embora Sveinke tivesse reduzido a pirataria em Viken, ele foi forçado ao exílio por três anos depois de negociar com os homens de Magnus após sua captura.

Contudo, tendo a pirataria aumentado logo em seguida à retirada de Sveinke, (possivelmente encorajada por ele próprio), Magnus o encontrou numa província dinamarquesa para solicitar seu retorno à Noruega. Tal fato marcou a reconciliação de Sveinke com Magnus, e a afirmação definitiva do poder de Magnus como rei da Noruega.

A GENEALOGIA DOS YNGLINGS



Acima a genealogia da Dinastia Yngling, começando com Harald Farhair (Haroldo Cabelo Belo, Haroldo I). É claro que nem todos estão aí, só os que chegaram a ser rei e seus parentes mais próximos. Haroldo I teve 17 filhos, dentre eles Erik Machado Sangrento e Haakon, o Bom. Como falamos na Saga de Haakon I, o Bom, Erik matou todos os seus irmãos para garantir o trono norueguês após a morte de Haroldo I, mas Haakon, que estava como protegido dos ingleses num acordo de paz, sobreviveu, retornou à Noruega, matou Erik e governou o reino.

Sobre Sigurd, o Cruzado

Esse cara foi o décimo segundo rei da Noruega unificada, e ainda membro da genealogia Yngling, de Haraldo Cabelo Belo, que praticamente transformou o país, então dividido em reinos, num Estado Nacional. Bom, Sigurd governou entre 1103 e 1130, o que representa um dos reinados mais longos dentre os reis noruegueses. Mas em grande parte desse reinado, no entanto, Sigurd precisou dividir seu poder com um irmão, Eystein I, que morreu em 1123, deixando por fim Sigurd como único rei. A regência de Sigurd é considerada pelos historiadores como a época de ouro da Noruega Medieval. Esse apelido, “o Cruzado”, lhe foi rendido por ter liderado uma cruzada norueguesa que falaremos mais para frente.

Sabemos que Magnus III teve três filhos, dentre eles Sigurd, e todos os filhos tinham mães diferentes, sendo portanto, todos bastardos. Mesmo assim, os filhos ilegítimos sendo criados com o pai recebem direito ao trono, e para evitar brigas ou futuras guerras, os três governaram juntos até que dois morressem restando unicamente Sigurd. Mas já antes disso, Sigurd fora o rei de Mann e Conde de Orkney (méritos às conquistas de Magnus III).

Nessa época de Sigurd e Eystein, considerada a idade de ouro da Noruega, o país floresceu em riqueza e expansão, e ganhou respeito internacional devido à tal cruzada de Sigurd.

Em 1098, Sigurd acompanhou seu pai, Magnus, na já citada expedição às Ilhas Orkney e ao Mar da Irlanda. Sabemos também que Magnus expulsou todos os Jarls das ilhas, e que pôs seu filho como governante. Ele também foi feito rei de Mann, no mesmo ano em que o rei anterior fora derrubado por Magnus. E foi a primeira vez que esses reinos estiveram totalmente controlados por reis noruegueses. Mas vale lembrar que Magnus não foi diretamente responsável pela queda dos Irlandeses de Mann. Quando Magnus lá aportou, Mann teria acabado de ser invadido por normandos (mas Magnus derrotou os normandos também).

Não se sabe se Sigurd retornou para casa com Magnus após a expedição, ainda no ano de 1098, mas sabe-se que lá estava ele em Orkney, ainda em 1102, quando seu pai retornou para uma nova expedição. Lembremos da aliança de casamento de Magnus com a filha do grande rei da Irlanda, Muirheartach Ua Briain, que seria casada com Sigurd, a fim de receber o dote da futura rainha. No entanto, Magnus fora emboscado em Ulster (Ulaid) e morto pelos irlandeses, e Sigurd, então com 14 anos, voltou para a Noruega junto com o resto de seu exército, deixando sua noiva ainda criança para trás.

Ao chegar à Noruega, Sigurd tornou-se rei juntamente com seus irmãos. Embora as conquistas de Magnus tenham sido rentáveis à Noruega, porque as Ilhas e Mann rendiam recursos humanos, defesas e riquezas, Mann, logo após a morte de Magnus, se tornou independente.

Agora falaremos da Cruzada de Sigurd, a qual futuramente pretendo abordar com maior profundidade, com um post exclusivo para o tema. Bom, em 1107, Sigurd iria liderar uma cruzada em apoio ao recém estabelecido Reino Cruzado de Jerusalém, fundado logo após a Primeira Cruzada Cristã. No início, houve uma disputa pela liderança entre Sigurd e seu irmão Eystein, porque um deles deveria ficar em casa cuidando do reino. Sigurd acabou por liderar a cruzada, uma vez que tendo partido em expedições com seu pai, teria mais experiências em viagens. Ele foi o primeiro rei europeu a entrar no conflito cristão, o que lhe rendeu a alcunha de Jorsalafari (Cruzado em nórdico antigo, uma vez que na mesma língua Jerusalém fosse Jorsalaland).

A ação começou em Lisboa, nas guerras de Reconquista da Península Ibérica (o que é outro tema completamente diferente, então nem adianta muito nos aprofundarmos nisso), deu porrada em árabes em diversas ilhas do mediterrâneo e da Palestina. Todas as suas batalhas lhe renderam vitórias e sucesso, juntamente com grandes despojos. Em seu caminho para Jerusalém, Sigurd visitou o rei de Sicília, e ao chegar na Terra Santa, foi saudado por Baldwin I, rei de Jerusalém, líder da primeira cruzada e um dos supostos fundadores da Ordem dos Cavaleiros Templários.

A recepção de Baldwin foi calorosa, e os dois reis passaram muito tempo juntos. Acredita-se que Baldwin guiou Sigurd até o rio Jordão, onde o rei nórdico poderia ter sido batizado. Baldwin, depois da caminhada até o rio Jordão, pediu ajuda à Sigurd para conquistar a cidade ribeirinha de Sidon, alegando que o propósito era trazer mais fiéis à palavra de Cristo. Sidon foi tomada numa batalha de grande sucesso, e Baldwin, acredita-se, entregou à Sigurd uma lasca da Santa Cruz, como sinal de amizade e como lembrança de sua participação heróica nas cruzadas.

Após as guerras da Terra Santa, Sigurd retornou aos seus navios e navegou para Chipre, onde Sigurd ficou por um tempo, até partir novamente rumo à Constantinopla, onde iria se tornar amigo do Imperador ao deixar todos os seus navios e grande parte de suas riquezas para a Dinastia Komnemida, da qual fazia parte o então Imperador Alexios I Komnemido, simpatizante dos Cruzados. Em troca, Alexios deixou toda sua horda de cavalos fortes para Sigurd e sua companhia.

-- O Período da Guerra Civil --

Sobre Magnus IV Sigurdsson e Harald Gille

Primeiro, é importante esclarecer que era comum, principalmente nos reinos escandinavos, dois reis ou mais repartirem o reino. Isso não pareceria tão absurdo alguns séculos antes do tempo de Haroldo I, afinal, a Noruega e todas aquelas terras, como Dinamarca, Inglaterra, Finlândia e etc, eram um grande loteamento de reinos. Todo mundo com sua terrinha, vários reis aqui e ali, a porrada estancando o tempo todo.

O que marcou o reinado desse tal de Haroldo I foi que ele transformou a Noruega num reino unificado. Ou seja, todo mundo vai abaixar a cabeça pra um só rei, e não pra vários. A terra é uma só, os tributos são pra uma só corte, as taxas alfandegárias são fronteiriças somente com reinos não submetidos, e até a moeda torna-se única. E aí começa a dinastia Yngling, com todos aqueles reis que vimos nos posts sobre As Sagas Nórdicas, retratando pouco menos de dois séculos. Mas surgem casos, como o de Magnus III, que criou em sua corte seus três filhos ilegítimos, que assim ganharam direito ao trono, e os três reinaram até que só um estivesse vivo para ser o único rei.

Se já temos tantos casos de reis dividindo o trono, por que então essa é a primeira saga “dupla”? Afinal, Olaf Kyrre dividiu o reino com seu tio para evitar guerra, os três filhos de Magnus III reinaram numa rara harmonia e Olaf Magnusson chegou a fazer um acordo territorial com fins pacíficos com seu concorrente sueco.

Vejamos então. Magnus IV iniciou uma grande Era conturbada na Noruega. Conhecido pela alcunha de “o Cego”, esse cara começou uma guerra civil que duraria 110 anos e chegou a perder o trono recuperando-o dois anos depois. Magnus assumiu o trono junto com seu tio quando Sigurd morreu. Só que os dois não se entendiam, e após quatro anos desse reinado dividido, Magnus abertamente se preparou para uma guerra contra Harald. Estourou então a Batalha de Färlev, onde Magnus derrotou seu

tio, que fugiu para a Dinamarca.

Contra a orientação de seus conselheiros, Magnus desfez seu exército e viajou para Bergen para passar o inverno lá. Harald aproveitou para retornar à Noruega com um novo exército e ainda pior, com o apoio do rei dinamarquês Erik Emune. Sem encontrar muitos desafios no caminho, antes do fim do inverno Harald chegou à Bergen. Magnus, com poucos homens, não conseguiu defender a cidade, e em janeiro de 1135 Bergen caiu nas mãos de Harald. Magnus foi destronado, foi capturado, cruelmente castrado, teve uma perna amputada e seus olhos furados. Nasce a alcunha de “o Cego”. Depois foi jogado no monastério de Nidarhol Abbey, na ilha de Munkholmen, ao norte de Trondheim, antiga capital da Noruega, e lá passou algum tempo como monge. Agora, para proceder com a cronologia, precisamos falar de um terceiro cara: Sigurd Slembe.

Esse Sigurd também foi um pretendente ao trono Norueguês na guerra civil de Magnus. Ele alegava ser um filho ilegítimo de Magnus III (que foi o pai de Sigurd, o Cruzado, não relacionado com Sigurd Slembe), e por isso, foi até Harald para oferecer a proposta de dividirem o reino como co-reis.

Sigurd foi completamente ignorado por Harald, que em tese era seu meio irmão, e por isso, se declarou rei, mesmo não tendo sido reconhecido como tal por Gille.

Por isso, Sigurd simplesmente matou Harald enquanto este dormia. Agora vem a surpresa: Assim que Harald Gille morreu, Sigurd restaurou Magnus como rei, provavelmente para garantir algum apoio em sua própria pretensão. Mas como Magnus, convenhamos, estava todo fodido, Sigurd alegou poder real em seu nome, mas foi considerado um fora-da-lei por regicídio.

De qualquer forma, Sigurd e Magnus encontraram pouco apoio na Noruega, embora Erik Emune, o rei dinamarquês que anteriormente apoiou Harald contra Magnus, agora apoiava a dupla desolada numa campanha que não daria certo. Pois é, na batalha naval de Holmengrá, em Oslofjord, mesmo com o apoio dos dinamarqueses contra os aliados do quarto pretendente ao trono, uma criança chamada Inge, Magnus foi morto e Sigurd capturado. Pobre Sigurd, foi torturado até a morte. Teve seus braços e panturrilhas esmagados com martelos de guerra, teve a pele da cabeça clivada, suas costas foram esfoladas e por fim, sua espinha foi partida. Depois disso o cara ainda foi enforcado, decapitado e seu corpo jogado numa baía de rochas.

MAAAAAS, falemos um pouco mais de Harald agora. O tio de Magnus nasceu na Irlanda e tornou-se familiarizado com a Noruega através de comerciantes, incluindo um renomado mercador que ainda iria se tornar o conde de Orkney. Por volta de 1127, Harald embarcaria para a Noruega, onde iria se declarar um dos filhos ilegítimos de Magnus, o Descalço (e lembremos que Magnus III conquistou a província irlandesa de

Mann para a Noruega, e isso explica muito o motivo dele ter tantos descendentes irlandeses).

Quem recebeu Harald na Noruega foi Sigurd, pai de Magnus IV, e, portanto, irmão de Gille. Mas Sigurd só reconheceu Harald como seu irmão na condição de que este não interferisse em seu reinado, nem no de seu filho Magnus. Harald respeitou esses termos até a morte de seu irmão.



Os Filhos de Harald

Eu sei, tem que gostar muito de história, ainda mais da história riquíssima dos grandes reinos escandinavos! Mas precisamos entender que o Heimskringla, agora no final, entrou num período fortemente conturbado da política norueguesa: A Era da Guerra Civil.

Tanta gente foi rei nesse meio tempo que vamos ter sagas duplas, triplas e quádruplas. E por isso, ao invés de falar de um só rei cheio de feitos, vamos falar de três.

Para quem está acompanhando as sagas nórdicas, peço paciência. Sério. Tendo que falar de tantos reis ao mesmo tempo fica difícil decidir o que é relevante e o que não é. No final, eu prefiro deixar todos os detalhes aí, para pelo menos ter a consciência limpa de que está tudo completo.

Assim como Harald e Magnus, os filhos de Gille também dividiram o reino e receberam sagas simultâneas. Sigurd II, cuja mãe era a amante do rei, Tora Guttormsdotter, foi o primeiro a quebrar a harmonia dentre os três irmãos, voltando-se contra Inge, o mais novo, e morrendo em batalha, ainda dentro do período de guerra civil na Noruega.

Nessa época de política conturbada, os pretendentes ao trono eram candidatados numa espécie de corte dentro da cidade de Trondelag. Quando Sigurd Semble matou seu pai, como vimos no post anterior, Sigurd foi eleito rei pela corte de Eyrathing (essas cortes eram assembleias políticas singulares para cada cidade). Acontece que outras cortes, de outras cidades também elegeram seus irmãos, Inge e Eystein.

Seus guardiões juntaram forças contra Sigurd Semble e Magnus IV, nas batalhas que dominaram os primeiros anos do reinado de Sigurd II. A tal batalha onde Magnus e Sigurd são derrotados mesmo com apoio dinamarquês, como vimos, chama-se A Batalha de Holmengrá, e foi um confronto naval, na época que os filhos de Harald ainda eram crianças. Holmengrá era uma ilha ao norte de Trondheim, e eu digo “era” porque esse nome mudou.

Vamos entender melhor essa porradaria: Sigurd Semble, antes de se tornar rei, viajou para a Escócia, onde ganhou experiência militar, e depois partiu numa peregrinação à Terra Santa, o que estava se tornando comum entre os cristãos. Ao

retornar para a Noruega, armou um encontro com seu suposto irmão Harald (suposto porque até hoje não se sabe se realmente Sigurd Semble fazia parte da genealogia dos Ynglings) a fim de que este o reconhecesse seu direito ao trono.



Ao invés de ser reconhecido como também rei, Sigurd acabou sendo acusado de um assassinato em Orkney, e foi banido por Harald. Se o crime é real os historiadores não sabem. Muito provavelmente foi alguma outra armação para que Harald tivesse motivos para expulsar Sigurd. De qualquer forma, o acusado conseguiu escapar, viveu clandestinamente na Noruega e por fim assassinou Harald em Bergen.

Mas com esse ato o povo se recusou a ser regido por um homem que mata seu irmão por um trono, além de contestar a legitimidade de sua pretensão ao reino. Após a morte de Harald, o fato de seus três filhos terem se tornado reis foi proposital. A rainha Ingrid Ragnvaldsdotter, que passou a controlar os grandes líderes de várias cortes, promoveu Sigurd na assembléia de Trondelag (o verdadeiro termo para denominar tais cortes é “thing”, ou “ting”. O nome da assembléia de Trondelag era Oyrating), enquanto Inge foi proclamado na Borgating, das cidades à Sudeste.

Embora tenham sido proclamados por facções diferentes (imagine tais facções como partidos primitivos), e criados em áreas distantes uma da outra, ambos juntaram forças contra a aliança de Sigurd Semble com Magnus IV. Lembremos que Magnus IV

havia sido deposto por Harald, mas foi restabelecido como rei por Sigurd, e assim conseguiu levantar um exército nas terras altas do norte, mas foi derrotado na Batalha de Minne, já contra os filhos de Harald, e correu pra Dinamarca.

Sigurd também foi pra Dinamarca com um pequeno exército, e depois conseguiu alguns homens a mais para voltar-se contra a Noruega, mas de início o apoio dinamarquês era quase nulo. Quando suas invasões à Noruega começaram a compensar e o valor dos saques aumentou, Sigurd conseguiu aumentar seu exército contratando mercenários dinamarqueses.

Por fim, as frotas de Sigurd e Magnus encontraram as frotas dos filhos de Harald, em 1139. Sigurd entrou na porrada com 30 navios, e após o primeiro choque, saiu com 18. Eram baixas pesadas. Magnus, que lembremos, perdeu uma perna e era cego (teve os olhos furados e a perna amputada como castigo ao ser destronado) morreu atingido por uma lança ao ser transportado de um navio pra outro por um de seus homens.

Sigurd até tentou escapar pulando na água e escondendo-se em seu escudo, mas foi traído por um de seus homens, que para ser poupado, relatou o esconderijo do rei. Sigurd foi executado, como vimos, através de torturas e mutilações. Os chefes queriam uma morte rápida para o rei destronado, mas os chefes que lá estavam era mais cruéis (segundo Snorri Sturlusson) e queriam vingar lesões causadas pela sua aliança com Magnus.

Pulando o destino trágico de Sigurd Semble, o qual já falamos no último post, um período de paz se sucedeu à Batalha de Holmengrá. Durante a menoridade dos filhos de Harald a nobreza norueguesa colaborou para aconselhar os garotos e a governar o reino em harmonia com eles. Em 1142, Eystein chegou da Escócia e sua filiação foi aceita, porque Harald Gille já havia anunciado ter um filho no exterior. Eystein foi quase imediatamente aceito como um dos reis, e pela primeira vez desde que fora unificada por Harald I, a Noruega teve três reis. Havia ainda Magnus V, do qual pouco se sabe, além do fato de que morreu de causas naturais em algum momento de 1140.

Em 1152 a Noruega recebeu uma visita interessante, o papa Nicholas Breakspear, cuja passagem pela Escandinávia marcou a organização de um arcebispado independente com sede em Nidaros (antiga Trondheim).

Agora as coisas ficam perigosas. Em 1155, os três alcançam a maioridade, e a maioria de seus conselheiros antigos está morta, e por isso, havia uma pressão para que os três se reunissem em Bergen, a fim de promover um conselho onde pudesse acertar a paz. Acontece que nesse conselho, Inge acusa Sigurd de se aliar com Eystein para destroná-lo, mas Sigurd nega as acusações. Só que alguns dias depois, um dos guardas de Inge é morto por um de Sigurd, e isso deixa a situação complicada. Os três reis eram como uma bomba relógio, pronta para, desculpem o termo, fuder com tudo.

Sob o conselho de sua mãe Ingrid (a rainha regente) e também sob orientação de seu principal conselheiro, Gregorius Dagsson, Inge ordenou que seus homens invadissem a casa onde Sigurd estava alojado. Sigurd tinha poucos homens consigo, e nenhuma misericórdia foi dada. O pobre Sigurd foi enterrado em fevereiro daquele ano, cheio de furos de lança, na antiga catedral de Bergen (que foi demolida, transformada numa catedral maior, e depois se tornou um complexo militar).

Eystein se atrasou pra reunião, e ainda estava pra chegar quando Sigurd foi morto. Um inquietante acordo foi feito entre Eystein e Inge, mas a paz, como já se esperava, não durou muito tempo. O assassinato de Sigurd marcou o começo da segunda fase da Guerra Civil, de lutas contínuas com pequenos intervalos de trégua até 1208. As razões para as batalhas em Bergen ainda são incertas. De acordo com as Sagas escritas por Sturlusson, o motivo realmente é a aliança entre Eystein e Sigurd para tirar o título de Inge, mas há historiadores modernos que duvidam dessa versão, vendo-a como uma desculpa criada por Inge para justificar suas ações desnecessariamente agressivas.

Durante os confrontos que se sucederam, vários pretendentes reais alegaram ser filhos de Sigurd, o que, com certeza, não passava de declarações políticas, uma vez que a legitimidade para com o trono é marcada com sangue real. E ainda houve um deles que teve sucesso: Sverre Sigurdsson conseguiu tornar-se rei da Noruega em 1156. A graça disso tudo é que Sigurd jamais se casou e nem nunca assumiu ter filhos.

As Sagas Nórdicas seguem uma tendência de descrever Eystein e Sigurd de uma forma muito negativa, colocando Inge como o mais justo dentre os três irmãos. De acordo com o Heimskringla:

“Quando o rei Sigurd cresceu, tornou-se um homem muito inquieto e ingovernável em todos os sentidos, e assim era Eystein ainda que Eystein fosse mais calmo. O Rei Sigurd era um homem forte e robusto, de aparência alegre, de cabelos castanho-claros, uma boca feia, mas por outro lado, também possuía um semblante bem definido. Foi educado em suas conversas com qualquer homem e era perito em todos os exercícios”.

Sigurd teve quatro descendentes:

- Haakon II Sigurdsson, que foi feito rei pelos apoiadores de Eystein quando o mesmo morreu em 1157, e foi morto em batalha pelos antigos apoiadores de Inge e pelo então novo rei Magnus Erlingsson.

- Sigurd Sigurdsson (falta de criatividade é foda), que virou rei pelos apoiadores de Haakon em 1162, mas foi capturado e decapitado pelo rei Magnus em 1163.

- Harald Sigurdsson que capturado e morto pelo rei Magnus antes de assumir o trono, apenas pro ser filho de Sigurd e uma ameaça em potencial.

- Cecília, que se casou com Folkvid, um juiz de Varmland (ao sul), com quem teve um filho (Haakon, o Louco), que se tornou rei e por sua vez teve um filho que foi pretendente ao trono. O casamento de Cecília posteriormente foi anulado. Embora a existência de Haakon, o Louco, já tenha sido provada, é incerto saber se Folkvid realmente existiu.

Falemos agora de Eystein. Aparentemente nascido na Escócia, filho de Harald com uma galesa (lembramos que Harald provavelmente nasceu na Irlanda, senão na própria Escócia), e não foi pra Noruega junto com o retorno do pai, em 1127.

Na verdade, Eystein foi trazido para a Noruega por lendmenns. Talvez eu faça um post para explicar isso, mas vamos lá. Há uma hierarquia a ser seguida na Escandinávia, que começa com os reis, passa pelos Jarls (Earls) e por fim, termina nos Lendmenns. Esse título equivaleria ao encargo de “Cavaleiro”, comum em outras regiões da Europa. Até hoje a rainha da Inglaterra nomeia muitos “Sirs”. O nome dessa organização hierárquica e majoritariamente militar, existente em cada canto das nações nórdicas é “Hird”.

Embora isso não seja muito mencionado, mesmo que muitos historiadores considerem tais fatos relativamente importantes, Eystein partiu em campanha contra a Inglaterra e a Escócia, capturando um Jarl de Orkney, pedindo uma soma considerável como resgate. Ele então começou a saquear as cidades ao longo da costa escocesa e inglesa, em atos mais próximos dos antigos vikings (lembramos que a chamada Era Viking na Escandinávia historicamente terminou com a morte de Harald Hardrada).

Uma coisa que todas as sagas concordam é que a relação entre os três irmãos foi pacífica enquanto os guardiões de Inge e Sigurd estavam vivos. As tensões só surgiram quando esses putos foram crescendo. Depois daquela fracassada reunião em Bergen, Eystein e Inge acabaram caindo na porrada e em 1157 levantaram exércitos, ainda que o de Inge fosse mais numeroso. Eystein de fato foi derrotado e correu para Viken. Abandonado pelos seus próprios homens, foi pego, morto e sepultado em Tunge Hundred, onde a população local passou a adorá-lo como um santo.

Como já vimos, depois da morte de Eystein, seus apoiadores partiram para o lado de Haakon, primeiro filho de Sigurd, através do qual continuaram sua guerra. O Heimskringla descreve Eystein:

“O Rei Eystein era escuro e sujo na tez, de estatura mediana, sendo um homem capaz e prudente, embora o que o tenha privado de consideração e popularidade com aqueles abaixo dele foram sua avareza e estreiteza”.

Eystein era casado com uma dama da Noruega, Ragna Nikolasdottir, teve um filho bastardo chamado Eystein Meyla, que foi proclamado rei por um partido rebelde formado por ele próprio. Também falaremos dele. Um ano depois, Eystein Meyla foi morto.

E por fim, falemos de Inge. O filho mais novo de Harald Gille tinha uma deficiência física que o deixava corcunda, o que seria suficiente para, de acordo com as leis nórdicas, anular sua pretensão ao trono, uma vez que nenhum homem pode ser rei se portar deficiências físicas. Acontece que esse detalhe não aparece em grandes fontes medievais. De qualquer forma, foi através de tal infortúnio que Inge ganhou a alcunha de O corcudo (Inge Krokrygg).

Primeiro vamos fortalecer o fato de que a legitimidade do herdeiro em relação ao casamento não era importante para definir seu direito ao trono. Bastava ter o sangue do pai. Reforço isso porque ambos os três filhos de Harald eram ilegítimos.

Inge sofreu de alguma doença durante uma batalha em 1137, e por isso precisou ser carregado por um de seus tutores. Saxo Grammaticus, autor do *Gesta Danorum*, dá uma explicação alternativa. Vem dele a tese de que Inge era corcunda, porque fora derrubado no chão por uma empregada, quando ainda era um bebê.

Uma coisa que favorecia Inge em relação aos seus irmãos era que este tornou-se popular entre os Lendmenn, por conceder-lhes poder político na era da guerra civil. Já conhecemos Gregorius Dagsson, seu grande conselheiro. Sua mãe, que todo o tempo foi uma rainha regente, também foi de grande influência para o governo de Inge. Bom, Gregorius foi morto num confronto com as forças do rei Haakon, filho de Sigurd, após a morte de Eystein em janeiro de 1161. Em fevereiro do mesmo ano, Inge também é finalmente derrotado, e morto, enquanto liderava seus homens numa batalha contra Haakon em Oslo, quando muitos de seus homens, liderados por seu vassalo Godred (rei de Mann e das Ilhas) desertaram para o lado de Haakon. Inge foi enterrado na Igreja de São Hallvard, em Oslo.

O *Heimskringla* também descreve Inge: “Era o mais bonito de rosto, tinha cabelos amarelos bastante finos e muito encaracolados. Sua estatura era baixa e tinha dificuldade em andar sozinho porque um de seus pés era murcho, dotando também de uma corcunda tanto nas costas quanto no peito. Ele era alegre, amigável com seus companheiros e generoso, permitindo que outros chefes lhe dessem conselhos acerca do país. Ele era popular, portanto, com o público e tudo isso deixou o reino e a massa do povo ao seu lado.

Após a queda de Inge, seus antigos apoiadores se reuniram sob o lendmann Erling Skakke e seu filho, o rei Magnus Erlingsson. Por vezes, os historiadores os consideram um partido à parte. As sagas não mencionam nenhum filho de Inge,

embora um pretendente de oposição ao rei Sverre, Jon Kuvlung, tenha afirmado ser filho de Inge.



Sobre Haakon II, Magnus Erlingsson e a Saga de Sverre Sigurdsson



Haakon Sigurdsson, também conhecido como Haakon Herdebrei (Ombros-Largos), era filho ilegítimo de Sigurd Munn (filho de Harald Gille), e foi nomeado herdeiro de Eystein II (um dos três filhos de Gille). Sabemos que Inge, o filho mais novo, se tornou o único regente depois que Sigurd e Eystein morreram. Contudo, os partidários dos reis derrotados se uniram para levar Haakon ao trono da Noruega, e continuar a guerra contra Inge. Sabemos também que Inge foi derrotado quando seu principal vassalo, que liderava suas tropas (Godred II Olafsson) o traiu, passando a lutar do lado de Haakon.

Contudo, quando Inge foi finalmente derrotado, seus partidários também elegeram um novo rei, o filho de Erling Skakke, Magnus V, que derrotou Haakon II.

Sim, é uma confusão de nomes, mas lendo com atenção não é difícil de entender. Como já disse, essa é uma fase muito conturbada da política da Noruega.

Lembremos que, quando os três filhos de Harald Gille se mataram pelo trono, um carinha chegou sorrateiramente alegando ser o quarto filho e virou rei. Para entender o que aconteceu, precisamos compreender melhor o contexto político da Noruega na época da guerra civil. Sabemos que até então, cada cidade importante do país tinha sua própria corte, a chamada Ting, que funcionava como uma espécie de

conselho político. Era uma assembleia que reunia os líderes locais (afinal, o rei podia ser um só, mas ainda havia seus milhares de vassalos, senhores de terras).

Essas assembléias estavam evoluindo para partidos primitivos na época da guerra, e houve um partido rebelde, conhecido como Birkebeiner, que acabou levando muitos pretendentes ao poder.

Sverre Sigurdsson, que foi rei entre 1184 e 1202, é considerado um dos mais importantes regentes da Noruega, casou-se com uma filha de um rei sueco, e assumiu o poder através do partido Birkebeiner, do qual já era líder em 1177. Só que a essa altura, a Noruega estava uma bagunça. Surgiam reis de todos os cantos, parecia uma guerra retirada de um livro do George Martin. Um dos homens que confrontaram Sverre foi Magnus V, o filho de Erling Skakke.

Falamos muito brevemente desses dois, mas vamos lá: Erling Skakke era um lendmann (equivale ao título de cavaleiro), apoiador de Inge. Após a morte de Inge, Erling ganhou muito poder, e acredita-se que ele tenha fundado o Birkebeiner. Os apoiadores de Inge acabaram se unindo ao partido, e seu filho Magnus V terminou como rei. A história deles não é tão importante para compreendermos o contexto da saga de Sverre, mas é bem interessante.

Vamos lá: Quando Sigurd I partiu em cruzada, retornou com poucos homens porque a maioria, vitoriosa, acabou ficando em Constantinopla, onde se juntaram à Guarda Varangiana. Mas os noruegueses que voltaram para a Escandinávia foram transformados em nobres e ganharam vários títulos. Um deles foi Rögnvald Kali Kolsson, que virou Jarl de Orkney (e depois foi canonizado). Rögnvald acabou organizando sua própria cruzada tempos depois, e o pai de Magnus V ganhou reputação nas batalhas que se sucederiam.

Aliás, a mãe de Magnus era filha do próprio Sigurd I, o Cruzado. Enfim, Magnus assumiu como rei aos cinco anos, e foi o primeiro rei norueguês a ser coroado (a cerimônia de coroação não era comum na Noruega), mas quem acabou governando de fato foi seu pai Erling, que mesmo após Magnus atingir a maioridade, continuou exercendo grande influência política.

Pois é, pra piorar a confusão, um outro Sigurd e seu filho adotivo Olav Ugaeva levantaram forças, aproveitando que Erling e Magnus estavam lá na Dinamarca, e Olav se declarou rei. Só que tal declaração era bem fundamentada: afinal, Olav era filho da filha de Eystein I, irmão de Sigurd, o Cruzado. Agora você está pensando “puta que pariu”. Eu sei, mas imagina o tamanho da árvore genealógica da dinastia de Haroldo Cabelo Belo, mais de um século depois de seu reinado. Gigante, suficiente pra que metade da Noruega pudesse ser rei.

Bom, Erling voltou à Noruega, caiu na porrada com Olav, sofreu uma

emboscada e quase não escapou. Depois, Olav marchou para o sul, mas lá foi derrotado, fugiu para a Dinamarca e seu pai foi morto em batalha.

Por fim, Magnus V, graças à seu pai, estava garantido como rei. É aí que entra Sverre. Sverre chegou do nada dizendo que tinha direito ao trono, e acabou com a festa de Magnus. Mas as coisas não foram tão informais. Sverre correu até a Assembléia de Trondelag, que se tornou uma cidade importante no reino, e lá se proclamou rei, porque viram a veracidade de sua pretensão ao trono.

Claro que a briga estava armada, e Erling lutou contra Sverre na Batalha de Kalvskinnet, em Trondheim, em 1179, e perdeu. Mas a guerra entre Sverre e Magnus estava só começando. Depois de vários anos de conflito, estourou a Batalha de Fimreite. Foi um confronto naval. Diziam que Magnus tinha muitos navios enormes, mas nenhum tão grande quanto o Mariasuda, que o próprio Sverre construiu para si. Deixando os detalhes da batalha de lado, Sverre ganhou a porrada, e Magnus morreu em batalha.

Talvez os nórdicos pensassem que a Guerra Civil acabaria aí, mas com a morte de Magnus, mais três pretendentes surgiram (os três filhos de Magnus – Sigurd, Inge e Erling). Mas tanto faz, afinal, durante muito tempo, Sverre foi o único rei da Noruega, ao menos até ser excomungado pela Igreja, em 1194, o que daria início à outra guerra, dessa vez contra um partido apoiado pela Igreja, os Baglers.

A principal fonte para a vida de Sverre é sua biografia (Sverre Saga) escrita na época em que ainda estava vivo, mas pode ser um documento tendencioso, uma vez que este teria diretamente patrocinado a escrita do livro. De qualquer forma, uma das curiosidades é que por ser supostamente baixinho, Sverre guiava suas tropas a cavalo. Sob seu comando, os Birkebeiners prosperaram, porque Sverre era um excelente estrategista militar, que confrontou táticas tradicionais como a parede de escudos.

Agora do começo: Sverre nasceu nas Ilhas Faraós, ao norte da Inglaterra, e lá entrou para o sacerdócio de alto nível (pois era descrito como muito educado), no entanto, sua saga dizia que ele tinha muitos sonhos, os quais interpretava como que destinado à coisas maiores e por isso não se adequava à vida sacerdotal. No ano seguinte, sua mãe revelou que ele era filho do rei Sigurd Haraldsson (filho de Harald Gille) e por isso, ele partiu para a Noruega a fim de encontrar seu destino.

Em relação à veracidade de sua proclamação, o conto real é narrado na saga de sua vida, muito embora grandes historiadores digam que sua pretensão baseada no parentesco com Sigurd seja falsa. De qualquer forma, a Noruega em 1176 ainda estava se recuperando de décadas de guerras civis. As causas para tais guerras eram óbvias: As leis a respeito da sucessão ao trono eram muito confusas. Ou melhor, não eram claras. De acordo com o antigo costume, todos os filhos dos reis, sendo ilegítimos ou não, tinham direito igual ao trono. Imagina? É a fórmula para o caos.

Bom, sabemos o que aconteceu com os três filhos de Harald Gille, e agora sabemos também sobre Erling e Magnus V, e que Sverre se tornou o único rei após vencê-los, embora logo surgisse mais gente pra reivindicar o trono. Ainda assim, quando Sverre veio para a Noruega as coisas não estavam tão fáceis. As perspectivas de uma revolta bem sucedida eram pequenas, e viajou à Suécia perto do natal, para encontrar o governador local, que era casado com a irmã de Sigurd II, seu suposto pai.

De início, Birger Brosa, o governante de Östergötland esteve relutante em oferecer qualquer ajuda depois de saber da reivindicação de Sverre, porque já estava usando suas forças para apoiar outro grupo, os Birkebeiners (ou Birchlegs), grupo criado em 1174, por Eystein Meyla, filho de Eystein II, filho de Harald Gille. O grupo era chamado assim porque sua pobreza era caracterizada pela casca de bétula enrolada em seus pés ao invés de sapatos. Ainda por cima, em janeiro de 1177, os Birkebeiners viram uma derrota esmagadora na Batalha de Re, onde Eystein caiu. Pouco depois, Sverre esbarrou no grupo em Värmland, onde foi persuadido a se tornar o novo líder.

De acordo com a Saga de Sverre, quanto este tornou-se líder dos Berkebeiners, a companhia estava reduzida à vagabundos e maltrapilhos, somando não mais do que 70 homens. Sverre provou que a liderança era uma de suas qualidades, e transformou-os em soldados qualificados e profissionais. Ao final de seu reinado, o Berkebeiner era o maior e mais forte partido militar da Noruega.

Normalmente eu pararia por aqui, porque tem muita coisa vindo ainda. A vida de Sverre foi longa e sua saga é cheia de detalhes. Contudo, como chegamos ao final do Heimskringla (sim meus amigos, o manuscrito termina oficialmente com Magnus Erlingson, tanto que a Saga de Sverre é um livro isolado), não custa nada seguirmos adiante.

A Saga de Sverre

Sobre Sverre e os Birkebeiners

Bom, falei dos três últimos reis da Noruega citados no Heimskringla, mas fiquei ainda de terminar a brilhante história de Sverre Sigurdsson. Onde paramos, ele tinha acabado de se tornar líder do Birkebeiner, o partido de rebeldes da época da Guerra Civil Norueguesa. Durante os primeiros anos como líder, Sverre colocou o grupo sempre em movimento, e por isso eram geralmente vistos como arruaceiros, e a população os julgava como tendo poucas chances de sucesso em sua empreitada ousada. Afinal, como um bando maltrapilho vai colocar seu líder no trono da Noruega?

Bom, teve toda aquela história de confrontar Magnus V e seu pai Erling Skakke, e depois o grupo correu pra Trondelag, onde Sverre foi proclamado rei pela Assembléia Oretinget, que era o lugar tradicional para a escolha do rei (e isso pesou muito na proclamação de Sverre). Então, rumando para o sul, em Hadeland, acabaram sendo forçados a correr para o norte novamente. Assim, como última esperança, foram à Oeste, onde Sverre tinha esperanças de tomar Bergen de surpresa.

Mas como a história nos ensina sempre, tudo que está ruim pode piorar. Em Voss, no meio de sua jornada, foram emboscados por camponeses, e embora tenham saído vitoriosos, Bergen já estava alerta quanto à sua aproximação. E com isso, retornaram ao leste, numa viagem em pleno inverno, onde quase congelaram até a morte.

Na primavera seguinte, depois de um breve tempo em Viken, os Birkebeiners retornaram à Trondelag, onde reviram sua estratégia. Basicamente, a Noruega desses tempos não era muito povoada, e suas cidades com grandes concentrações populacionais eram separadas por uma distância considerável. Portanto, na estratégia adotada por eles, que consistia em tomar as regiões que não apresentassem grandes defesas, não havia muita dificuldade. Justamente pela falta de defesas desses territórios que vemos, durante a Saga de Sverre e os Birkebeiners, muitos confrontos com milícias camponesas.

No entanto, por pressão de seus próprios homens, Sverre tentou conquistar Nidaros (Trondheim), mas foram derrotados, nesse evento conhecido como A Batalha de Hatthammeren. Depois de fugir para o sul, eles ainda deram de cara com o exército

de Magnus em Ringerike. Nesse ponto, a história dos Birkebeiners poderia perfeitamente terminar numa trágica derrota, mas conta-se que sob a tática louvável de Sverre Sigurdsson, o bando venceu as tropas de Magnus V. Tal vitória os encorajou os Birkebeiners à mais uma investida em Nidaros, e desta vez, tendo subjogado grande parte da região de Trondelag, conseguiram passar o inverno na cidade.

Contudo, Erling e Magnus logo tentariam retomar a cidade, e em 1179 expulsaram Sverre e seu grupo. Erling, que poderia tê-los caçado, foi complacente, confiando que os Birkebeiner teriam mais uma vez ido pro sul. Mas para a surpresa geral, Sverre pela terceira vez voltou-se ao norte, seguindo o curso do rio Gauldal, que deságua no Fiorde de Trondheim, e caiu sobre Nidaros na Batalha de Kalvskinnet, onde Erling foi morto e o domínio de Sverre em Trondlag foi consolidado.



Sverre contra Magnus V

Depois de Kalvskinnet, a guerra mudou de rumo. O povo de Trondheim aceitou Sverre como seu rei, e ambos os lados de Sverre e Magnus estavam mais iguais em poder. Em algum momento, o partido de Magnus passou a ser chamado de Heklungs (Hekle é uma palavra do nórdico antigo que significa madeira, usada para construir os mosteiros tradicionais da Noruega. Tal nome implica na proximidade de Magnus com a Igreja).

Nesse ponto, em torno do ano de 1180, muitas batalhas se sucedem, até que na primavera, Magnus mais uma vez tenta retomar Nidaros, agora contanto com reforços do oeste e estoura a Batalha de Llevollene, onde, fora das muralhas da cidade, os Heklungs foram derrotados mais uma vez, e Magnus por fim foge para a Dinamarca. Com Magnus fora do país, Sverre finalmente consegue ocupar o sul, sitiando Bergen. De qualquer forma, sua ocupação lá foi sempre muito fraca.

Ainda determinado a derrotar os Birkebeiners, Magnus retorna à Noruega com ainda mais tropas, e os dois exércitos se encontram mais uma vez na Batalha de Nordnes. Numa vitória incrível dos Birkebeiners, os Hekgluns foram derrotados, mas Magnus sobreviveu. Acontece que, como numa tragédia shakespereana, pensaram que seu líder estava morto, e por isso, os Hekgluns se retiraram, dando vitória à Sverre, que saqueou Trondelag para recuperar a forma empobrecida de seus homens.

Após isso, tentativas de negociações foram feitas, mas Magnus não queria dividir o reino tendo Sverre poderes iguais aos seus, e este também não queria ser vassalo de Magnus. E com o filho de Erling controlando o oeste da Noruega a partir de seu assentamento em Bergen (que a essa altura fora recuperada), ficou difícil para Sverre suprir seus homens. Portanto, guiou seus homens para o sul, para tomar Viken, que se tornara uma firme fortaleza dos Heklungs, onde ele poderia saquear o local sem receber muitos danos.

Contudo, Magnus V explorou muito bem essa ausência de Sverre. Nesse meio tempo, invadiu Trondelag com sucesso e queimou o forte dos Birkebeiners. Magnus ainda fez outra tentativa de tomar Nidaros, desta vez usando a tática de cerco, mas um ataque do grupo de Sverre durante a noite acabou com a palhaçada.

Decidido de que não conquistaria o sul pela terra, Sverre começou um intenso programa de construção naval, onde criou frotas e logo em 1183 invadiu Bergen mais uma vez, evitando a detecção dos batedores inimigos. Finalmente, seu ataque pegou o Hekglun desprevenido, garantindo a conquista de Bergen e a fuga de Magnus (novamente para a Dinamarca), que deixou seu cetro e coroa para trás.

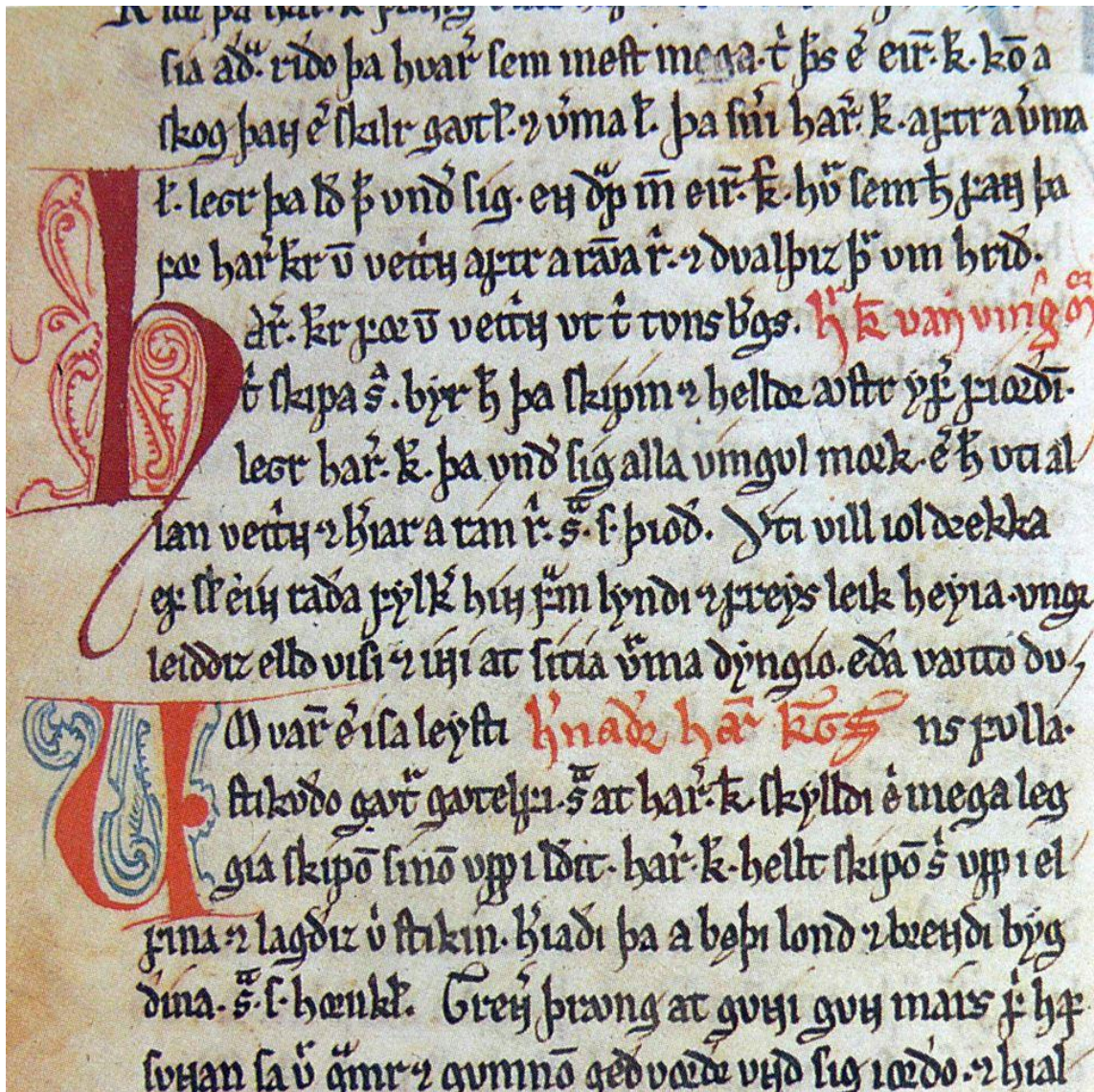
Nas batalhas marítimas medievais, o navio que fosse maior e mais alto tinha uma considerável vantagem, uma vez que sua tripulação poderia atacar os inimigos com projéteis de outras armas. Como falamos, o maior navio era o do próprio Sverre, o chamado Mariasuda. Mas a embarcação era tão grande que sua mobilidade era bem pobre, servindo apenas para confrontos em fiordes. Ainda assim, o navio se mostraria bem útil quando Magnus retorna em 1184, com uma nova frota. Nessa altura, Sverre estava reprimindo uma revolta em Sogn, no oeste (o oeste da Noruega é conhecido como Vestlandet) e ainda estava lá quando Magnus chegou.

Esse desencontro decepcionou um pouco Magnus, que já tinha vencido os Birkebeiners de Bergen, e sabendo agora da atual posição de Sverre, partiu novamente, e os exércitos se encontraram em Fimreite, num longo e estreito fiorde conhecido como Sognefjord.

Amigos, se o Heimskringla fosse uma épica série de Hollywood, essa batalha seria o ato final do Capítulo XVI. A Batalha de Fimreite foi o confronto final entre o Birkebeiner e o Hekglun. Embora Magnus tivesse vários navios de grande porte, nenhum chegava à altura do Mariasuda. O colossal navio de Sverre detonou metade da frota de Magnus, e o pânico tomou conta do exército inimigo, que passou a correr para as embarcações maiores. Tais embarcações ficaram tão pesadas que começaram a afundar, e muitos dos homens, já cansados, não conseguiram escapar do afogamento. O rei Magnus foi um deles.

Grande parte dos líderes do Hekglun morreu nessa batalha, e o grupo, sem uma liderança definida, estava quebrado como um partido político. Depois de seis anos de guerra, Sverre era finalmente o rei incontestável da Noruega.

Sverre contra Jon Kulvung e o Oyskjeggene



Lembram-se daquele outro carinha, o Jon Kulvung? Claro que não, duvido que prestem tanta atenção assim. Mas tudo bem, falaremos com detalhes dele. Isso tudo ainda está incluso na Saga de Sverre, para fechar com chave de ouro o Heimskringla.

Vejamos a situação da Noruega: Finalmente, um padre insatisfeito (lembremos que Sverre foi criado em um mosteiro) e um bando de vagabundos dominavam o país. Em seu impetuoso trabalho de consolidar o poder, colocou todos os homens leais em

posições elevadas e criou grandes alianças de casamentos entre a velha e a nova nobreza. Ele próprio se casou com Margareta, filha de Erik, o Santo (Erik IX da Suécia) e irmã do rei Knut Eriksson.

Embora a Noruega tenha visto tantos conflitos nas décadas anteriores (desde os filhos de Harald Gille, como vimos), normalmente o vencedor se reconciliava com seus oponentes. No caso de Sverre, tal reconciliação foi rara e difícil. Suas guerras foram longas e tiveram muitas vítimas, e grandes dinastias nobres mais velhas perderam homens e guardaram rancor, com sede de vingança. Além disso, o fato de que Sverre colocou muitos homens de origem não-nobre em altas posições acabou enfurecendo parte da nobreza. A paz de Sverre não poderia durar muito tempo.

Pois é. Em outono de 1185, somente um ano após a morte de Magnus V, os Kuvlungs (Kunvlugene, partido rebelde norueguês), chegaram à Viken. Liderados por Jon Kuvlung, um ex-monge que alegava ser filho de Inge, o grupo foi, em muitos aspectos, os sucessores dos Hekgluns na guerra civil, mesmo porque, muitos membros do Hekglun entraram pro Kunvlugene depois da queda de seu partido.

O Kuvlung logo ganhou controle do leste e oeste da Noruega, que antigamente eram territórios dos Heklungs. Por fim, no outono do ano seguinte, atacaram Nidaros, pegando Sverre de surpresa, que se refugiou no castelo de pedra recentemente construído chamado Sion (Sverresborg - abrange um contexto histórico na guerra dos Kuvlungs que rende um post especial, o qual pretendo fazer mais pra frente). Os Kuvlungs, incapazes de tomar o castelo, foram forçados a recuar.

Em 1188 Sverre navegou para o sul com uma grande frota, e os exércitos se encontraram em Tonsberg (na região de Vestfold), mas nenhum dos lados se atreveu a oferecer batalha. Assim sendo, o partido de Jon fugiu para Bergen. E logo no natal, Sverre correu atrás deles, atacou a cidade e Jon Kuvlung foi morto, pondo fim à ascensão de seu partido.

Algumas revoltas menores se seguiram, mas nunca tiveram status maior que o de banditismo, e por isso foram todas suprimidas rapidamente. Contudo, outra ameaça séria chegaria logo: Outro exército rebelde, o Oyskjeggene, se revoltaria contra o rei. O pretendente ao trono dessa vez era um Sigurd, cujos apoiadores alegavam ser filho de Magnus V (na época, Sigurd era apenas uma criança, representada por seus apoiadores, portanto, o verdadeiro líder do exército foi Hallkjel Jonsson, cunhado de Magnus).

Conspirando com o conde de Orkney, Harald Maddadsson, Hallkjel reuniu quase todo seu exército a partir das ilhas (lembramos que Orkney é um arquipélago) e de Shetland (ilhas da Escócia), e daí vem o nome do grupo, que significa Ilhas Barbardas. Depois de se estabelecerem em Viken, o Oyskjeggene navegou para Bergen, onde ocuparam a cidade e as regiões vizinhas, uma força dos Birkebeiner manteve o

Sverresborg.

Logo na primavera de 1194, Sverre navegou para o sul, a fim de enfrentar o partido de Sigurd (comandado por Hallkjel) e em abril estourou a Batalha de Florvag, um confronto naval onde a experiência dos Birkebeiners mostrou-se decisiva, arrasando o exército de Hallkjel, e quase exterminando sua frota. O partido foi considerado extinto depois do evento. A estimativa foi de dois mil homens mortos para o lado de Sigurd, incluindo Hallkjel.

Sverre e a Igreja

Falemos agora da relação de Sverre com a Igreja. Desde 1152, a Igreja da Noruega foi organizada sob o Arcebispado de Nidaros. Isso se torna relevante pra história a partir do momento em que é o arcebispo Eystein Erledsson o principal apoiador de Magnus Erlingsson. O lucro disso foi a garantia da posição da Igreja como instituição independente, dentre outros privilégios.

Eystein chegou a Nidaros retornando da Inglaterra em 1183, tempo em que havia um estado de trégua entre a Igreja e o Rei. Quando Eystein morreu em 1188, foi sucedido por Eirik Ivarsson, e com a troca de líderes do arcebispado, Sverre pensou que poderia normalizar sua situação com a Igreja. Assim, aproximou-se de Eirik na esperança de ser coroado, mas somente foi considerado um usurpador e assassino de reis (regicida).

Agora a trégua foi abertamente rompida, quando Sverre construiu pra si uma lista de privilégios que eram contrários às leis da igreja, escritas por São Olaf (que é considerado o legítimo fundador da Igreja Norueguesa, já falamos dele). A reação de Eirik foi pregar contra o rei, e seu desespero era tamanho que chegou até a escrever uma carta para o papa. Contudo, sua ofensiva a curto prazo era fraca demais contra a força que Sverre estava erguendo.

Contudo, houve um período de ausência por parte de Eirik, e Sverre aproveitou pra pressionar os outros bispos a cederem à sua causa, em particular Nikolas Arnesson, que era meio irmão de Inge, e contra a vontade de Sverre, tornou-se bispo de Oslo. Como uma vingança pessoal do fato, após a derrota do Oyskjegg, Sverre marcou um encontro com Nikolas, onde o acusou de conspirar com o exército de Sigurd e Hallkjel, o que significava traição, crime respondido com punição severa.

A partir dessa pressão, Nikolas, pra se livrar do castigo, juntamente com outros bispos, coroaram Sverre, que passou a ser oficialmente rei da Noruega em 1190. Enquanto isso, finalmente Eirik recebeu uma resposta de Roma, onde o Papa Celestino III, baseado nas leis e direitos da Igreja, afirmou que apoiaria o arcebispo em qualquer necessidade.

Agora Eirik poderia virar o jogo e excomungar Sverre e todos os bispos que participaram da sua coroação, exilando-os na Dinamarca. O rei, para revidar, enviou seus bispos que permaneciam leais (Tore, bispo de Hamar) à Roma para defender sua causa perante o papa.

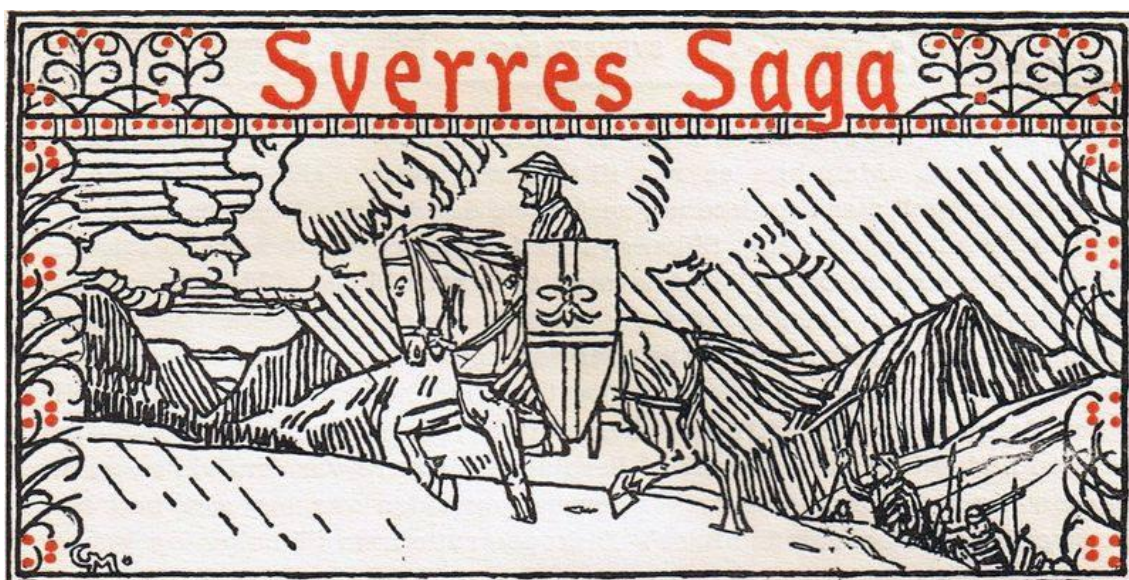
De acordo com a Saga de Sverre, Tore retornou com uma carta do papa anulando a

excomunhão do rei, e logo em seguida, o bispo foi para a Dinamarca, onde alegou ter ficado doente e faleceu em circunstâncias suspeitas. A maioria dos historiadores concorda que a carta foi forjada (!) uma vez que não há outras fontes para tal fato.

Com a morte do Papa Celestino III, o conflito entre o rei e a igreja viu tempos de calmaria, mas logo Inocêncio III assumiria o papado pra trazer novamente a discórdia à tona. Foi ele quem acusou Sverre de falsificar a carta supostamente redigida por Celestino III, e baseado nisso, jogou reis vizinhos contra Sverre. Contudo, Sverre tinha conquistado tamanha admiração no exterior pela forma como conduziu os Birkebeiners no tempestuoso rumo da Guerra Civil, que a Suécia continuou a apoiar seu partido e a Inglaterra, governada por John I, chegou até a enviar mercenários como suporte.

Em 1200 Inocêncio achou necessário advertir o arcebispo de Canterbury a não aceitar mais presentes do rei norueguês. Isso fez com que alguém próximo de Sverre (não se sabe quem) tenha escrito um discurso chamado En Conto Mot Biskopene, atacando todos os bispos numa discussão de relacionamento entre o rei e a igreja. A partir desse trabalho, o autor defendeu que a excomunhão de Sverre foi injusta, e que ele, sendo rei, tinha pleno direito de nomear bispos (nesse ponto havia descontentamento porque Sverre nomeou seu padre doméstico como bispo de Bergen, causando grande polêmica entre o clero).

Sverre e a Guerra dos Baglers



Bom, falamos de quase tudo sobre esse cara. Falamos de como ele retornou à Noruega para reivindicar o trono, como se uniu aos Birkebeiners, que até então eram um partido com derrotas acumuladas, formado por vagabundos e maltrapilhos e os transformou numa respeitável força militar, falamos de como, com o apoio de seu grupo arruaceiro, venceu Erling Skakke e seu filho Magnus Erlingsson, de quando derrotou Jon Kuvlung e o Oyskjeggene, de sua relação com a igreja e de seu reinado brilhante.

Mas faltou ainda a guerra contra os Baglers. A essa altura, Sverre já enfrentou os Hekgluns, os Kuvlungs e o Oyskjeggene, mas ainda haveria mais um partido militar para desafiá-lo.

Na primavera de 1196, em Halor, da Dinamarca, fora fundado o partido dos Baglers, cujos líderes eram Nikolas Arnesson (meio-irmão de Inge, bispo de Oslo, falamos dele no último post), o nobre Reidar Sendemann de Viken e Sigurd Jarlsson, um filho bastardo de Erling Skakke (e, portanto, meio-irmão de Magnus V). Eirik, o arcebispo, também deu seu apoio. Como rei pretendente eles escolheram Inge Magnusson, suposto filho de Magnus Erlingsson. E a partir daí, navegaram de volta à Noruega.

Sverre estava em Viken quando as duas forças se encontraram, mas de início não houve grandes batalhas. Ele deu a seu filho mais velho, Sigurd Lavard, a responsabilidade de guardar uma balista que havia construído. No entanto, os Baglers

fizeram um ataque surpresa durante a noite e a balista foi destruída, e Sigurd, juntamente com seus homens, foi expulso do local.

Sverre, furioso, nunca mais deu outra responsabilidade próxima a da liderança para seu filho. Depois de alguns outros pequenos confrontos sem grandes resultados, Sverre voltou à Trondheim onde passou o inverno. Inge foi consagrado rei em Borgating, a assembleia de Borg (e uma das maiores da época), e os Baglers estabeleceram um firme controle sobre a região de Viken, tendo Oslo como sede local.

Na primavera do ano seguinte, Sverre convocou a leidang do norte e oeste do país, partindo poucos meses depois em direção à Viken com mais de 7 mil homens. Lembremos que leidang corresponde às milícias camponesas, numa espécie de convocação de última hora.

Os Birkebeiners atacaram Oslo em Julho (a convocação teria sido antes de Maio), e depois de muitas baixas de ambos os lados, os Baglers foram forçados à correr para o interior. Sverre então passou algum tempo cobrando impostos de guerra sobre a região recém-retomada, mas suas tropas milicianas estavam próximas de organizar um motim, e Sverre se retirou para Bergen, onde decidiu passar o inverno.

Esse foi um erro quase fatal.

Os Baglers, enquanto isso, tinham viajado à Trondelag por terra, onde invadiram Nidaros sem encontrar muita resistência. A guarnição de Sverresborg tinha segurado o castelo durante um tempo, até que o comandante Terstein Kugad mudou de lado e deixou os invasores entrarem no castelo, que foi completamente destruído. O lar de Sverre estava agora em mãos inimigas.

O ano de 1198 foi a ruína das conquistas de Sverre. Vamos lá. Em maio, o rei lançou sua tentativa de recapturar Trondelag, mas desta vez, ele não conseguiu realizar o desejado ataque surpresa e a frota dos Birkebeiners consistia basicamente de navios pequenos. Portanto, na batalha naval que se seguiu, o grupo foi fragorosamente derrotado.

No rescaldo dessa batalha, o poder dos Baglers sobre Trondelag foi ainda mais consolidado. Depois dessa derrota, Sverre voltou mancando para Bergen, ainda foi seguido por um exército numericamente maior, liderado por Nikolas e outro nobre chamado Hallvard e se abrigou na fortaleza de Bergenhus, que se mostrou inexpugnável, dando ao Birkebeiner uma base segura para montarem suas estratégias.

O verão seguinte, conhecido como O Verão de Bergen, foi dominado por escaramuças na área, até que em agosto os Baglers incendiaram a cidade, não poupando nem mesmo as igrejas, e a destruição foi total. Agora enfrentando fome, Sverre fugiu para Trondelag com seus homens, onde grande parte da população

permanecia leal a ele, tanto que muito dos homens que depois de sua derrota se juntaram aos Baglers, agora novamente trocavam de lado.

Sverre começou a revidar com brutalidade. Os Tronders (povo de Trondelag) prometeram fornecer seu rei com uma nova frota, e logo oito grandes navios foram construídos, bem como vários antigos navios de transporte teriam sido reformados. Os Baglers só retornariam à Nidaros através do Trondheimsfjord, o fiorde de Trondheim, no início de junho.

Em 18 de junho de 1199, as duas frotas se encontraram na Batalha de Strindafjord, onde Sverre obteve uma vitória esmagadora. Os sobreviventes inimigos fugiram para a Dinamarca e o rei reassumiu seu controle sobre Viken, passou o inverno em Oslo, mas o cenário da cidade permaneceu hostil. O estopim dessa situação veio no próximo ano, quando uma revolta estourou e pessoas de todas as partes rumavam para Oslo a fim de expulsar o Birkebeiner.

Contudo, tratando-se de um exército camponês sem treinamento algum, na batalha de 1200, foram logo derrotados e a revolta reprimida. Mas vendo que a afirmação do seu partido na área ainda era fraca, Sverre decidiu retornar à Bergen.

Aproveitando a atual ausência de Sverre da região de Viken, os Baglers retornaram da Dinamarca e reafirmaram seu controle sobre o leste norueguês. Os dois lados passaram o ano seguinte invadindo as áreas uns dos outros, sem ganhos duradouros para ambos, embora os Birkebeiners tenham acumulado um ganho superior no mar.

Na primavera de 1201 Sverre zarpu de Bergen com uma grande força leidang no que seria sua última campanha militar. Com esse exército ele conseguiu cobrar impostos sem oposição nos dois lados do fiorde de Oslo (Oslofjord) durante o verão. Em setembro, ele montou um acampamento em Tonsberg e sitiou a fortaleza da cidade, então guarnecida por Reidar Sendemann e seus homens.

O cerco se demorou porque ao passo em que os Baglers não se atreveram a mandar forças de socorro, o castelo também não cedia para qualquer truque de Sverre. Finalmente, em janeiro Reidar se rendeu. Sverre, satisfeito com a vitória, navegou de volta a Bergen, mas adoeceu na viagem e chegou em terra já morrendo. Nomeou seu único filho vivo Hakon como seu herdeiro e sucessor e em uma carta, aconselhou-o a reconciliar-se com a Igreja.

Sverre morreu em março de 1202.

Agora a grande questão:

Devo prosseguir a história com Hakon?